

CLIMA ANFITRIÃO EM 2025, O BRASIL DEFENDERÁ NA COP-29, NO AZERBAIJÃO, A COMPLETA REFORMULAÇÃO DO FUNDO DE COMPENSAÇÃO AOS PAÍSES EMERGENTES

VATICANO O SÍNODO DOS BISPOS, SOB O COMANDO DO PAPA FRANCISCO, DÁ UM PASSO IMPORTANTE NO RECONHECIMENTO DO PROTAGONISMO FEMININO NA IGREJA

CartaCapital

CartaCapital

30
ANOS

cartacapital.com.br

ANO XXX Nº 1334

R\$ 31,90

30 DE OUTUBRO DE 2024



basset
editora

O AJUSTE FISCAL SEGUNDO O MERCADO

A CRUZADA DA FARIA LIMA E ADJACÊNCIAS PARA OBRIGAR
O GOVERNO A TIRAR OS POBRES DO ORÇAMENTO E NÃO INCLUIR
OS RICOS NO IMPOSTO DE RENDA

UM AMIGO MANDOU MENSAGEM DE OUTRO NÚMERO **PEDINDO PIX?**



SAIBA MAIS EM

[CAIXA.GOV.BR/SEGURANCA](https://caixa.gov.br/seguranca)

Alô CAIXA: 4004 0 104 Capitais e Regiões Metropolitanas • **0800 104 0 104** Demais Regiões
Reclamações, sugestões, elogios: **0800 726 0101** • Atendimento a clientes portadores de
deficiência auditiva e/ou de fala: **0800 882 2492** • Ouvidoria: **0800 725 7474**

Isso é Golpe



Se receber uma mensagem desse tipo, ligue para a pessoa e confirme se é realmente ela quem manda a mensagem.

**O GOLPE NÃO
AVISA QUE É GOLPE.**

**NA DÚVIDA,
FALE COM A CAIXA.**

LIGUE 4004 0 104

CAIXA
É POR VOCÊ. É POR TODO O BRASIL.

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Francisco quer ampliar o acesso das mulheres aos espaços de decisão, mas enfrenta forte reação conservadora. Pág. 28



8 A SEMANA

Seu País

18 SEGUNDO TURNO

O campo progressista tenta conter o avanço da direita nas capitais e grandes cidades

22 ALDO FORNAZIERI

24 BAHIA Em Vitória da Conquista, um imbróglio familiar impede diplomação da prefeita reeleita

26 RIO DE JANEIRO

Desgastado por escândalos, Cláudio Castro está cada vez mais isolado e sem perspectivas

28 VATICANO O Sínodo dos Bispos alimenta as esperanças de maior protagonismo feminino na Igreja Católica

30 EDUCAÇÃO O Ideb tornou-se um mero instrumento para ranquear escolas

32 COP-29 O Brasil chega à conferência do clima com o peso de sediar a reunião do próximo ano

Economia

36 BRICS A expansão do grupo abre divergências

39 LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Nosso Mundo

40 EUA Tudo é possível na mais indefinida, e decisiva, eleição presidencial de todos os tempos

46 GAZA Yahya Sinwar não é o primeiro e talvez não seja o último líder do Hamas a ser eliminado por Israel

12

NEM AS MIGALHAS

O MERCADO REFORÇA CAMPANHA PARA O GOVERNO LIMAR GASTOS SOCIAIS E DESISTIR DE BUSCAR UMA TRIBUTAÇÃO JUSTA

Capa: Pilar Velloso.
Ilustração: Jean-Baptiste Debret



Plural

48 O FUTURO DO PÚBLICO

O INVESTIMENTO NA PRODUÇÃO INFANTOJUVENIL PASSA A SER DEFENDIDO COMO UMA SAÍDA PARA A CRISE DO CINEMA BRASILEIRO

52 THE OBSERVER A fusão do ser humano com a IA 55 LIVRO Quando o corpo assume a narrativa 56 AFONSIÑO 57 SAÚDE Por Arthur Chioro 58 CHARGE Por Venes Caitano

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta

REDATOR-CHEFE: Sérgio Lirio

EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins

CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo

EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond

REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal

REPÓRTERES: Fabiola Mendonça (Recife), Mariana Serafini e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva

DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso

CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis

DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich

FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)

REVISOR: Hassan Ayoub

COLABORADORES: Afonso, Aldo Fornazieri, Alysson Oliveira, André Costa Lucena,

Boaventura de Sousa Santos, Carlos Henrique Carneiro da Cunha de Mello Belluzzo,

Cássio Starling Carlos, Célia Xakriabá, Celso Amorim, Ciro Gomes,

Claudio Bernabucci (Roma), Djamilia Ribeiro, Drauzio Varella, Emanuele Baldini,

Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galipolo, Guilherme Boulos, Jacques Wagner,

José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves,

Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila,

Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Araes, Murilo Matias,

Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel,

Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Rui Marin Daher, Sérgio Martins,

Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde e Wanda Lima do Carmo

ILUSTRADORES: Eduardo Baptista, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE

EDITORA-EXECUTIVA: Thaís Reis Oliveira

EDITORES: Allan Ravagnani, Gêtlio Xavier e Leonardo Miazio

EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade

REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação) e Marina Verenic

VIDEO: Carlos Melo (Produtor) e Sebastião Moura (Editor)

ESTAGIÁRIA: Ana Luiza Sanfilippo

REDES SOCIAIS: Caio César

SITE: www.cartacapital.com.br

basset

editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar.
CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta

CONSULTOR: Adalberto Viviani

GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene

ANALISTA DE MARKETING E PLANEJAMENTO: Italo Sasso

NOVOS PROJETOS: Demétrios Santos

ANALISTA DE ATENDIMENTO: Maria Clara M. Abdal

AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo

CONSULTOR DE LOGÍSTICA: Edilene Gestão de Negócios

EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos,

Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:

RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660,

enio@gestaodenegocios.com.br

BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto,

(71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canal@canal.com.br

CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267,

agholanda@agholanda.com.br

MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoauréliomaia@gmail.com

OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Actual Consultoria S.S.

Rua Amália de Noronha, 402, 2º andar, sala 02 – SP/SP – CEP 05410-010

www.actual.sc.br, telefone (11) 3871-0506

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se

responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não

constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou

para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel

timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584,

de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de

acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP

DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)

ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos



CARTAS CAPITAIS



A CRUZ E A ESPADA

O que alimenta a extrema-direita são as *fake news*, o medo e as distorções da realidade gerados por elas. A esquerda não vai conseguir vencer só com argumentos, pois o medo sempre vence a razão. É por isso que a direita cresce sem obras nem projeto, além de acabar com a esquerda “comunista”.

Murilo Tonelli de Oliveira

RENOVAÇÃO EM MARCHA

Acho importante e sempre voto no campo progressista. Só não gostei de saber que até os senadores desse grupo votaram sim para o projeto da reforma da Previdência, feita anteriormente pela extrema-direita. O campo progressista deveria sempre defender os trabalhadores.

Marciano Viana

Muito me incomoda a dificuldade da esquerda em cravar nomes para cargos majoritários: prefeitos, governadores e presidente. Tenho a impressão de que, se um dia a disputa pela Presidência não tiver Lula, a extrema-direita assume o poder. O povão elege Lula, mas nas outras instâncias vota sempre na direita ou, agora, na extrema-direita.

Orlando Rodrigues da Costa

JOGO SUJO

Que os traumas e os imensos prejuízos causados pela famigerada Lava Jato tenham servido para nos deixar realmente vacinados contra esse

tipo de incursão, travestida de cruzada moralista. Mais baixo que as ingerências e manobras escusas de interesses estrangeiros é o papel ao qual se sujeitam os colaboracionistas nativos. Em favor dos seus egos e ambições pessoais, dispõem-se a rifar o destino de toda uma nação, e plenamente cientes das consequências nefastas dos seus atos. Inominável!

Santiago Artur Wessner

VENDILHÕES

Destruir a economia foi o único serviço da Lava Jato.

Faliram empresas e gastaram milhões para não dar em nada.

Cristiano Ferreira

Na verdade, ocorreu uma distribuição de lucros. A Lava Jato foi uma operação muito lucrativa para os EUA e altamente prejudicial ao Brasil.

José Valdir D. Araújo

JOGADA DE RISCO

A jogatina passou do controle do Estado para as mãos da iniciativa privada graças ao lobby pró-empresários no Congresso Nacional. Essa permuta tende, porém, a beneficiar o crime organizado de maneira a ocultar-se de outros crimes maiores. Urge que esse próprio Congresso trabalhe para regulamentar e fiscalizar quem opera esse mercado, caso contrário o Brasil será um novo paraíso para criminosos de todo o mundo.

Paulo Sérgio Cordeiro Santos

DES VENDANDO A INCÚRIA DA ENEL

A pseudociência carece da isenção fundante da ciência social e presume ser possível a conciliação do inconciliável. A univocidade capitalista da acumulação não pode ser reformada por sua própria natureza. As mazelas capitalistas têm de ser superadas por um modo de produção socialista, com a suplantação das bases, da lógica e das hostes do capital.

Eleonilson R. dos Santos

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: <http://Atendimento.CartaCapital.com.br>
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
• Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail redacao@cartacapital.com.br



O FUTURO

ACCON

 **BNDES**

GOVERNO FEDERAL

UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Quando o investimento do BNDES cresce, o Brasil se fortalece.

O BNDES impulsiona o crescimento do Brasil. Nosso crédito ajuda empresas de todos os portes a crescer e a gerar mais empregos. Apoiamos o desenvolvimento do agro ao estimular, cada vez mais, produtores a levar comida para a mesa dos brasileiros. Fortalecemos a saúde e a inovação no país e trabalhamos para melhorar a infraestrutura sem abrir mão da conservação da natureza. Isso é bom pra todo mundo.

Acesse futuroacontece.bndes.gov.br e saiba mais.

WwMcann | BNDES



CONTECE

COM O **BNDES**



A Semana

Dignidade até o fim

Antonio Cicero, um dos mais célebres poetas e letristas da música brasileira, morreu na quarta-feira 23, aos 79 anos. Em parceria com a irmã, a cantora Marina Lima, compôs canções como *Fullgás* e *Pra Começar*, e colaborou com outros artistas, como Adriana Calcanhotto, João Bosco e Lulu Santos. Integrante da Academia Brasileira de Letras desde 2017, também escrevia ensaios filosóficos e críticas literárias. Diagnosticado com Alzheimer, passou por diversas internações nos últimos anos, até tomar a decisão de recorrer à eutanásia na Suíça, onde a prática é permitida. Em sua carta de despedida, Cicero lamentou não conseguir concentrar-se para ler e a perda da habilidade para escrever bons poemas: “Espero ter vivido com dignidade e espero morrer com dignidade”. Durante o procedimento de morte assistida, estava na companhia do marido, o figurinista Marcelo Pies.

São Paulo/ Rastro de sangue

Sob a gestão Tarcísio, mortes pela polícia paulista crescem 78% em 2024

Nos primeiros oito meses deste ano, 441 pessoas foram mortas em supostos confrontos com as forças de segurança de São Paulo, revela um levantamento divulgado pelo Instituto Sou da Paz. O número representa uma alta de 78% na comparação com o mesmo período do ano anterior, quando 247 foram assassinados por policiais em serviço.

Duas em cada três vítimas são negras. O

total de pessoas pretas ou pardas mortas por policiais em serviço cresceu 83% de janeiro a agosto. O de brancos também aumentou, mas em uma proporção menor, de 59%. As operações Escudo e Verão, deflagradas em retaliação ao assassinato de dois policiais na Baixada Santista, deixou um tenebroso saldo. Na área do Deinter 6, que abrange Santos e outras 22 cidades da região, a quantidade de pessoas mortas pelas forças de segurança passou de 54 para 109.

“As polícias estão matando mais, mas essa morte está concentrada entre as pessoas pretas e pardas”, observou o coordenador de projetos do Instituto Sou da Paz, Rafael Rocha, à *Folha de S.Paulo*. “Isso nos faz imaginar – e aí tem de olhar também para a localização dessas mortes – que a polícia está sendo mais letal no geral e ainda mais letal nas periferias da cidade de São Paulo, na região metropolitana, no interior e, sobretudo, na região da Baixada Santista.”



De janeiro a agosto, 414 pessoas foram mortas por policiais em serviço

Rio de Janeiro/ TRANSPLANTES COM HIV

MP DENUNCIA SÓCIOS E FUNCIONÁRIOS DE LABORATÓRIO QUE FRAUDOU TESTES

O Ministério Público do Rio de Janeiro denunciou, na terça-feira 22, dois sócios e quatro funcionários do PCS Saleme, o laboratório contratado pela Fundação Saúde, vinculada à Secretaria Estadual de Saúde, para fazer a sorologia de órgãos doados no estado. Seis pacientes transplantados testaram positivo para o HIV após receberem órgãos infectados.

“Os denunciados tinham

plena ciência de que pacientes que recebem órgãos transplantados recebem imunossupressores para evitar a sua rejeição, e que a aquisição de qualquer doença em um organismo já fragilizado, principalmente HIV, seria devastadora”, observa a promotora Elisa Ramos Pitta Neves. A denúncia ressalta que as filiais do laboratório “não possuíam sequer alvará e licença

sanitária para funcionamento”.

A Promotoria fluminense imputa aos acusados os crimes de associação criminosa, lesão corporal grave e falsidade ideológica. Uma das funcionárias também responderá por falsificação de documento. Neves solicitou ainda a prisão do sócio Matheus Vieira, o único dos denunciados solto, e a conversão da prisão temporária em preventiva dos demais.



Seis pacientes receberam órgãos infectados com o vírus da Aids

Europa/ Desastre demográfico

Invasão russa gerou
queda populacional
de 8 milhões na Ucrânia

Prestes a completar mil dias, a guerra na Ucrânia está provocando uma silenciosa emergência demográfica no país, alerta o Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA, *na sigla em inglês*). Antes do conflito, os ucranianos já enfrentavam desafios populacionais significativos, com uma das menores taxas de natalidade do continente, a população envelhecida e a emigração em massa dos jovens em busca de melhores oportunidades. A invasão russa em 2022 “piorou muito as coisas”, observa Florence Bauer, diretora regional do UNFPA para

Europa Oriental e Ásia Central.

Como consequência direta da guerra, milhões de civis cruzaram as fronteiras nacionais. Perto de 6,7 milhões de ucranianos tornaram-se refugiados. Não bastasse, “a taxa de natalidade despencou para um filho por mulher, a menor taxa de fertilidade da Europa e uma das mais baixas do mundo”, acrescenta Bauer. Essa combinação de fatores gerou um resultado desastroso. Atualmente, a população da Ucrânia é estimada em 35 milhões de habitantes, ante 43 milhões em 2022 e 45 milhões em 2014, ano em que a Rússia anexou a península ucraniana da Crimeia.

Peru/ PROPINA MULTINACIONAL

EX-PRESIDENTE É CONDENADO A 20 ANOS DE PRISÃO NO CASO ODEBRECHT

O ex-presidente Alejandro Toledo, que governou o Peru entre 2001 e 2006, foi condenado a 20 anos e 6 meses de prisão por participação em um esquema de corrupção envolvendo a Odebrecht. Ele é acusado de ter recebido 35 milhões de dólares da empresa brasileira em troca de licitações para a construção de trechos da rodovia Interoceânica Sul, que liga a costa do Pacífico, no Peru, à

do Oceano Atlântico, no Brasil.

A sentença foi proferida, na segunda-feira 11, pelo Segundo Tribunal Penal Nacional, que condenou Toledo a nove anos de reclusão por conluio e mais 11 anos e seis meses de detenção por lavagem de dinheiro. A Corte anunciou que a sentença deve ser cumprida imediatamente. Por isso, o ex-presidente retornará à prisão de Barbadillo, nos arredores

de Lima, onde está detido desde que foi extraditado dos EUA, em abril de 2023.

Toledo nega as acusações desde 2016, quando a Odebrecht admitiu à Justiça norte-americana ter pago propina para obter contratos de obras públicas em vários países da América Latina. Em julho, ele alegou inocência e pediu clemência aos juízes devido a problemas de saúde.

Morre o pai da Teologia da Libertação

O sacerdote e intelectual peruano Gustavo Gutiérrez, considerado o pai da Teologia da Libertação, morreu na terça-feira 22, aos 96 anos. A informação foi anunciada pela Província Dominicana, ordem religiosa à qual pertencia desde 2001. Nascido em Lima em 8 de junho de 1928, o padre foi uma das figuras mais influentes da América Latina. O movimento cristão que liderou, focado no combate às desigualdades e inspirado nos princípios do Concílio Vaticano II, teve importantes repercussões políticas e sociais em todo o continente. Em nota de pesar, o Instituto “Bartolomé de las Casas”, criado pelo teólogo em 1974, afirma que “sua obra e trabalho em favor dos pobres e dos mais descartados da sociedade continuarão iluminando o caminho da Igreja por um mundo mais justo e fraterno”.



Alejandro Toledo foi extraditado pelos EUA em abril de 2023



UMA DAS
3 MELHORES
REFINARIAS
DA AMÉRICA
LATINA
LARTC - WORLD REFINING
ASSOCIATION

A Refinaria de Mataripe merecia A Acelen fez

Sob o comando da Acelen, empresa controlada pelo Fundo Mubadala Capital, em apenas 3 anos, a mais antiga refinaria do Brasil, a Refinaria de Mataripe, passou por um intenso processo de transformação.

Segunda maior do país, com capacidade de refino de 302 mil barris de petróleo por dia (Kbpd), a Refinaria de Mataripe responde por 17% do ICMS e por 10% do PIB da Bahia. Representa 14% da capacidade total de refino do Brasil, 42% do abastecimento do Nordeste e 80% da Bahia. É a maior exportadora do estado, fomentando a economia na região e projetando internacionalmente a empresa.

Em 2023, a Acelen, à frente da refinaria, ficou entre as 20 maiores empresas do país em duas das mais prestigiadas publicações, a Valor 1000 e a Época Negócios 360, e entre as 3 melhores refinarias da América Latina, pela World Refining Association.

R\$ 2,2 bilhões investidos

Um investimento de R\$ 2,2 bilhões acelerou o maior programa de modernização da história da refinaria, colocando os ativos nos mais

altos padrões globais de segurança, eficiência e confiabilidade.

O investimento foi direcionado, principalmente, para a modernização e a recuperação de unidades produtivas, e envolveu mais de 4,5 mil trabalhadores.

A recuperação da Unidade de craqueamento U6, que estava fora de operação há mais de 3 anos, ampliou a capacidade de produção para a refinaria.

Criada com o objetivo de evoluir o setor de energia e participar ativamente da transição energética no Brasil, a Acelen colocou a Refinaria de Mataripe em um novo patamar. O ESG, a inovação e a busca constante por excelência operacional passaram a ocupar o centro das decisões estratégicas da empresa e tornaram-se a base do negócio. A Acelen também fez da segurança um valor inegociável.

Produzindo mais e melhor, com 5 produtos lançados e recordes de produção, a Acelen investiu em inovação e na transformação digital, fortalecendo o conceito de Indústria 4.0. Tornou-se uma refinaria moderna, segura, produtiva e sustentável, pautada na eficiência energética, na sustentabilidade e no desenvolvimento social.

Compromisso ambiental

Na área ambiental, a empresa reduziu consideravelmente o impacto de suas atividades sobre o meio ambiente. Foram menos 26% no consumo de água, uma economia de 4,7 bilhões de litros, equivalente ao abastecimento de uma cidade com 109 mil habitantes, além do aumento no reuso do recurso. E menos 11% no consumo de energia, um pouco mais do que o consumo residencial de eletricidade de todo o estado de Roraima.

A Acelen também reduziu em 30% a geração de resíduos: 7 mil toneladas a menos que em 2022 e mil toneladas em relação a 2023.

A redução no volume de gás enviado ao flare chegou a 46%. E em menos 87% a emissão de enxofre, comparada à emissão de janeiro de 2022.

Além disso, a empresa substituiu o uso do cloro gás por pastilhas de tricloro, solução mais segura e eficiente.

Agora, a Acelen dá mais um passo significativo rumo à eficiência energética, com a modernização do seu sistema de iluminação. Foram instaladas 10 mil luminárias com tecnologia LED nas ruas, parques de tancagem e áreas industriais da refinaria, garantindo um ambiente de trabalho mais seguro, produtivo, sustentável e com maior conforto visual.

As novas luminárias reduzirão o consumo mensal de

energia em mais de 70%. O uso do LED também reduzirá as emissões de CO₂ em aproximadamente 2,9 mil toneladas, ao longo dos 15 anos de vida útil das lâmpadas, além da redução dos custos de manutenção, economizando cerca de 24 milhões de reais durante o mesmo período.

Desenvolvimento social

A Acelen está presente na vida das comunidades do seu entorno, através de ações e projetos de capacitação profissional, saúde e educação que já alcançaram mais de 30 mil pessoas, que fortalecem dia a dia o relacionamento comunitário.

Para aproximar e estreitar o diálogo com as 20 comunidades do entorno, nos municípios de Madre de Deus, São Francisco do Conde e Candeias, criou os Conselhos Comunitário Consultivos, parceiros na execução dos projetos socioambientais.

Player relevante na transição energética e uma das 3 melhores refinarias da América Latina, a Acelen cumpre seu papel de agente de transformação do setor de energia no Brasil, com excelência operacional, práticas sustentáveis e um compromisso permanente com a vida das pessoas.

E segue acelerando na transição energética para melhorar o planeta e a vida das pessoas.

Redução de impacto no meio ambiente

Dados Ago.2024 vs 2021



REPORTAGEM DE CAPA



NEM MIGALHAS

O MERCADO REFORÇA A CAMPANHA
PARA O GOVERNO LIMAR GASTOS SOCIAIS
E DESISTIR DE UMA TRIBUTAÇÃO JUSTA

por CARLOS DRUMMOND

A economia brasileira vai bem e está cada vez melhor, mas a situação do governo é delicada e se complica dia após dia. Os dados positivos não revertem nem abrandam o ataque especulativo permanentemente desfechado pelo sistema financeiro, apoiado em temores de descontrole fiscal de justificativa duvidosa, segundo vários economistas. A equipe econômica faz o que pode sob o cerco implacável dos defensores da austeridade espetada, como de costume, no lombo dos desfavorecidos. Não bastasse o fato de 92% das despesas orçamentárias serem obrigatórias, metade dos gastos discricionários é constituída por emendas parlamentares. Além disso, os maiores privilégios tributários concedidos a empresários e empresas aumentaram, neste ano, para 424 bilhões de reais. No Congresso, a ampla maioria de oposição usou as famigeradas Emendas Pix, espécie de cheque especial sem vínculo com as políticas públicas entregue por parlamentares a correligionários, para reeleger prefeitos em 178 cidades apenas no primeiro turno. Apesar das evidências, o que se discute na “opinião pública” são propostas de corte nos programas sociais e na previdência da população mais pobre.

A realidade do Executivo é aquela de um poder ameaçado pela captura crônica do Orçamento pelos interesses privados e a cada dia os dilemas se multiplicam e as saídas se estreitam. Sem o alívio providencial proporcionado pela decisão do ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal, de suspender a concessão de emendas e realizar uma auditoria do processo, o governo estaria acorrentado ao Centrão na sucessão da decisiva presidência da Câmara. A deliberação de Dino deu algum fôlego para o Palácio do Planalto negociar na estreita margem concedida pelo sistema financeiro e a mídia. “Não há respaldo nos dados macroeconômicos de inflação, contas públicas e outros que justifique uma mudança de humor tão agu-

“FALAR QUE O PAÍS ESTÁ EM CRISE FISCAL É UM NOTÓRIO EXAGERO”, ANOTA CLAUDIO ADILSON GONÇALEZ, EX-SUBSECRETÁRIO DO TESOURO

da como a ocorrida no mercado, puxando para cima as taxas de juros”, ressalta Antonio Corrêa de Lacerda, professor de Economia Política da PUC-SP.

Ao contrário, prossegue o economista, houve clara melhora nos indicadores. A economia cresce acima das projeções do mercado, mas sem exagero, o desemprego está em queda e a renda, em elevação. Há ainda claros indicadores de crescimento futuro do investimento, com aumento da Formação Bruta de Capital Fixo. As reservas cambiais foram mantidas e ampliadas para 370 bilhões de dólares. Segundo Lacerda, é importante ressaltar, sob o ponto de vista fiscal mais am-

plio, o extraordinário custo de rolagem da dívida pública, mais de 800 bilhões de reais nos últimos 12 meses, o equivalente ao pagamento de juros por parte do governo. Nos últimos dois anos, a rolagem da dívida pública tem sido acima de 7% do PIB ao ano, enquanto a média dos países da OCDE é de 3%, apesar de dívidas proporcionalmente muito maiores.

Toda vez que a taxa de juros sobe, frisa o professor, o custo da rolagem amplia-se. Isso pressiona e aumenta a dívida pública. Além disso, um ajuste fiscal perene só é viável com crescimento da economia. “Seria ilusório e irreal tentar obter equilíbrio fiscal de curto prazo por meio de corte de gastos e investimentos. Especialmente em um país com tamanha desigualdade regional e de renda como o Brasil.”

O cerne da atual “crise de confiança” está nas projeções para os próximos dois anos, e não nos dados macroeconômicos atuais, sublinhou em artigo no jornal *O Estado de S. Paulo* o economista Claudio Adilson Gonçalves, que foi consultor do Banco Mundial, subsecretário do Tesouro Nacional, chefe da Assessoria Econômica do Ministério da Fazenda e atualmente preside a MCM Consultores. As taxas de juro no mercado futuro incorporaram a hipótese de o BC elevar a Selic para



Tebet e Haddad vão apresentar a Lula um pacote de contenção de despesas

REPORTAGEM DE CAPA

13,75% ao ano, em um retorno ao patamar de junho de 2023 e assim devem manter-se por longo período. Em abril, a pesquisa Focus projetava 9% no fim do ano. “O mais intrigante é que os dados macroeconômicos disponíveis não conseguem explicar tamanha deterioração”, destaca González no artigo, que gerou debate entre economistas nas redes sociais.

Fala-se em gastança, acrescenta, mas as despesas primárias totais, considerados os gastos extraordinários, devem fechar 2024 em 18,9% do PIB, abaixo do patamar de 19,5% observado em 2019, quando vigorava o teto de gastos. A relação entre a dívida bruta e o PIB alcançará, ao fim do ano, 78%, mas já era de 75,3% em 2018. “Não se pretende negar as perspectivas ruins para a evolução do endividamento público, mas falar que o País está em crise fiscal é um notório exagero”, ressalta no texto. A inflação está próxima do teto da meta e, como se diz no jargão dos economistas, as expectativas para os próximos anos estão desancoradas, tanto que o BC iniciou novo ciclo de aperto monetário, mas os prêmios no mercado futuro de juros alcançaram “patamares vertiginosos”, com a projeção de juro real de quase 10% ao ano, ou seja, mais que o dobro da estimada da taxa neutra, aquela que faria a inflação convergir para a meta e o PIB para seu nível potencial, pontua o economista.

A estratégia de Lula para enfrentar a situação de ataque especulativo permanente e captura do Orçamento não é clara. O presidente divide esforços entre justas críticas aos juros elevadíssimos e ao presidente do Banco Central e reuniões com banqueiros e sua associação, a Febraban, para discutir a redução das taxas. Diante da dificuldade para aumentar as receitas fiscais, deu sinais de aprovação ao pacote de cortes de gastos sociais anunciado pelos ministros Fernando Haddad, da Fazenda, e Simone Tebet, do Planejamento. Sintomáticos de um afunilamento de alternativas, os cor-



Para a Faria Lima, estes da foto do alto são os culpados. Os sindicatos perderam força de pressão

tes podem totalizar de 30 bilhões a 50 bilhões de reais e incluiriam mudanças no Benefício de Prestação Continuada, FGTS, seguro-desemprego e abono salarial.

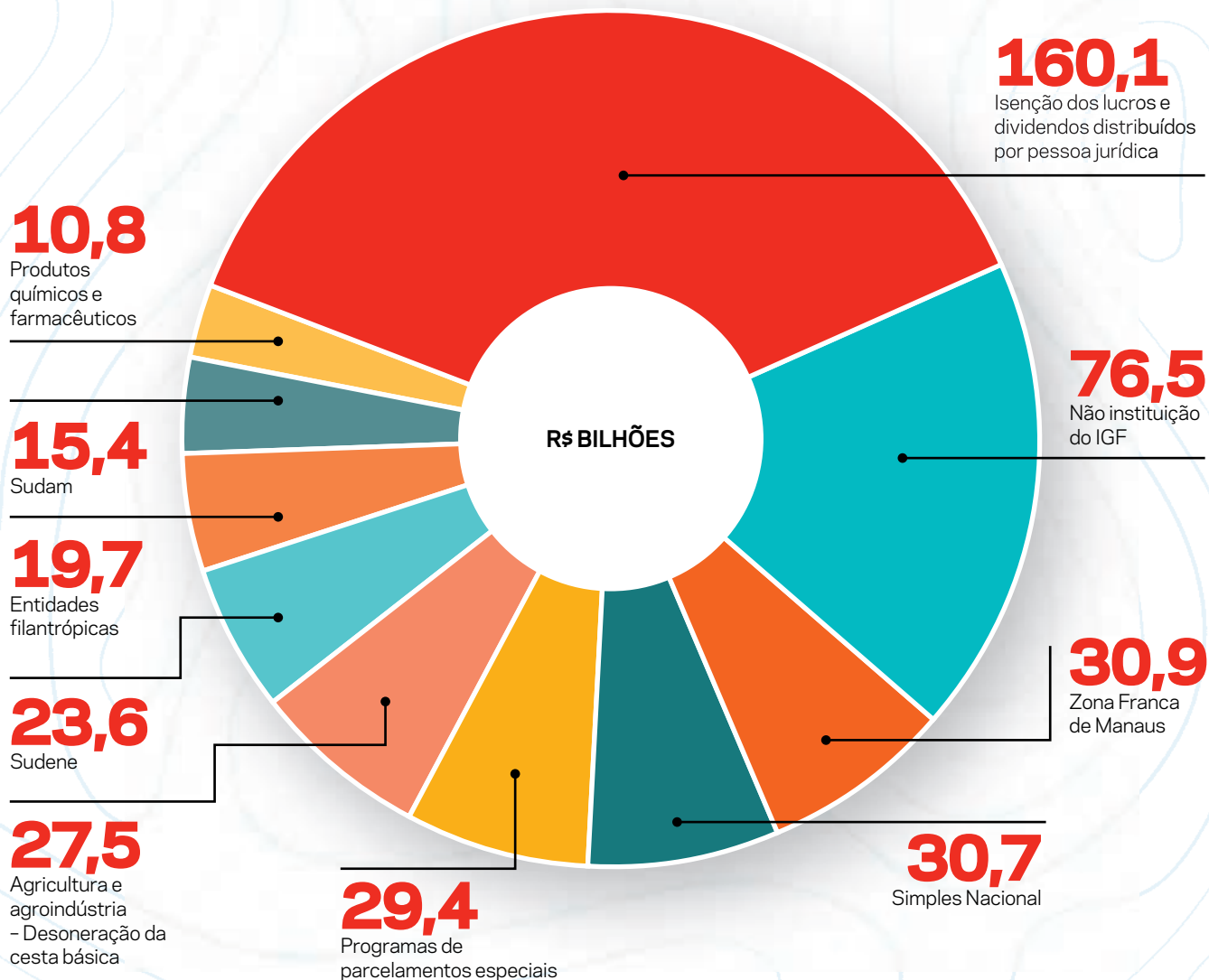
O presidente e a equipe econômica mostram-se entre lacônicos e genéricos quanto ao tamanho e ao momento do arrocho e corre risco de errar quem interpreta ao pé da letra o que dizem sobre o assunto tanto Lula quanto Haddad. Nas circunstâncias difíceis de governar sob cerco, pondera uma fonte de Brasília, impõe-se a ambos um jogo de cena, aquela manobra aberta, mas não necessariamente transparente, em que cada um dos participantes desloca os interlocutores da busca da verdade. A data de adoção do pacote de cortes é um mistério. A incerteza, entre bancos e corretoras, sobre

o compromisso da nova gestão do BC com a meta de inflação caiu um pouco, mas a incerteza sobre o governo propor e aprovar medidas de contenção fiscal aumentou, diz José Francisco de Lima Gonçalves, economista-chefe do Banco Fator, em informe da instituição. “Cabe a Lula decidir entre correr os grandes riscos políticos de contenção de despesas em 2025 ou em 2026. Insista-se, não se trata de cortes, mas de ritmo de crescimento”, acrescenta.

Desde o anúncio dos cortes, o governo está sob fogo cruzado. Parte da base governista e do próprio PT vê na proposta uma traição aos compromissos assumidos por Lula na eleição de 2022. Outra parcela vê o aperto como um atalho inevitável para conquistar o selo de bom pagador de dívidas outorgado pelas agências de classificação de risco, condição para atrair recursos externos em volumes imprescindíveis à ampliação dos investimentos e à reindustrialização em bases sustentáveis.

A CAPTURA PRIVADA DO ORÇAMENTO PÚBLICO*

Os dez maiores privilégios tributários, quase todos sem retorno para a sociedade, aumentaram de 237 bilhões em 2021 para 424 bi em 2024, projetam a Receita Federal e a Unafisco Nacional.



Simplex Nacional, Agricultura e Agroindústria - Desoneração Cesta Básica, e Medicamentos são itens considerados em parte privilégios, os demais são integralmente privilégios, na definição da Unafisco Nacional

Fontes: Nota Técnica Unafisco 32/2024 e Demonstrativo dos Gastos Tributários Bases Efetivas - 2021 Série 2019 a 2024, da Receita Federal. Elaboração: CartaCapital

*Inclui as emendas parlamentares desvinculadas de políticas públicas

As críticas aos cortes são justas e bem fundamentadas, mas surgem desacompanhadas de propostas alternativas exequíveis e nem sempre levam na devida conta a dura realidade de desmobilização sindical e de ruptura estrutural entre os mandatos do presidente da República e do presidente do Banco Central, de efeito fatal na autonomia da política econômica. Esses dois aspectos foram abordados em intervenções esclarecedoras em seminário sobre economia política realizado na PUC de São Paulo.

Participante há 18 anos do “Conselhão” criado pelo presidente Lula, o sociólogo Clemente Ganz Lúcio, consultor das centrais sindicais, disse que o único tema em que não se conseguiu proposição convergente desde a criação desse órgão consultivo da Presidência da República foi a ampliação da participação da sociedade no Conselho Monetário Nacional, que define a taxa de juros a ser perseguida pelo BC. “Já tivemos, no passado, representação empresarial e dos trabalhadores no CMN. Houve, entretanto, um bloqueio e o debate foi interditado, tal a força dos interesses que capturaram o organismo que define as metas inflacionárias a serem seguidas pelo BC. Disseram que há ameaça de crescimento inflacionário e agora, de risco fiscal, e de como nós só temos um remédio que é ter a taxa líquida mais alta do mundo, que opera transferências de riqueza monumentais”, apontou.

Segundo Ganz Lúcio, “isso é muito difícil de explicar e transformar em objetivo de luta. As centrais olham para isso imaginando o que poderia ser feito, vão para a frente do BC, agitam, tentam criar alguma forma de polemizar, dizem que há outra alternativa, mas, objetivamente, há uma dificuldade enorme de se fazerem mobilizações em torno de um tema desses”. O especialista torce para que a nova diretoria do BC “possa ajudar nesse debate sobre a participação da sociedade

HADDAD: “O BRASIL NÃO PODE SE CONFORMAR EM CRESCER ABAIXO DA MÉDIA MUNDIAL”

nas decisões de política monetária”. Para o professor de Direito Constitucional Pedro Serrano, colaborador desta revista, o presidente deve ter condições para adotar a política monetária para a qual foi eleito. A extinção, no governo anterior, da coincidência de mandatos retirou essas condições. “O povo, quando muda o governo, quer levar a mudança para todos os rincões da estrutura do Estado, em especial para aqueles com maior repercussão no exercício da soberania nacional, como é o caso da política monetária do BC.”

Neste contexto econômico e político complicado, o governo comemorou a elevação, pelo Fundo Monetário Internacional, da projeção de crescimento do Brasil, para 3%. “Não se trata de uma revisão qualquer de crescimento do País pelo FMI. É o maior ajuste que o Fundo Monetário Internacional fez, em termos de crescimento, para todos os países que ele

acompanha”, sublinhou o economista André Roncaglia, diretor-executivo do Brasil no FMI, em entrevista a jornalistas em Washington, durante visita de Haddad aos Estados Unidos a convite da Casa Branca, para uma troca de impressões sobre o G-20 e as relações bilaterais. A revisão ocorreu, segundo Roncaglia, pelo fato de o Brasil incorporar os efeitos das várias políticas adotadas para impulsionar a economia. O fundo aumentou a previsão de crescimento em 0,9 ponto percentual. É o reflexo, ressaltou Roncaglia, tanto das políticas adotadas, do ponto de vista fiscal, quanto dos efeitos dos investimentos e dos gastos que o governo tem feito na recuperação do Rio Grande do Sul, e também da influência da reforma tributária sobre as expectativas da economia e a melhora do ambiente de negócios.

Haddad acrescentou que o FMI refez ainda a projeção do PIB potencial brasileiro recentemente. Na última atualização, passou para 2,5% no fim do ano. Essa revisão, no contexto de um crescimento sob inflação relativamente controlada, é sinal, segundo o ministro, de haver um bom potencial de crescimento sustentável, não algo que vai ocorrer neste ano e parar, mas com condições de continuar.

Em relação às ressalvas da mídia, de que o crescimento do PIB será menor no

O TOTAL DE PRIVILÉGIOS TRIBUTÁRIOS

Mapeados pela Unafisco Nacional eles atingiram 537,6 bilhões, só na esfera federal. Esse é o total de incentivos e benefícios concedidos às empresas, sem qualquer retorno em geração de emprego e renda. Com este valor, seria possível construir:



37.370

Escolas com capacidade para 225 alunos



33.978

UPA (Unidade de Pronto Atendimento)



59.729

UBS (Unidade Básica de Saúde)



2.439.178

Unidades habitacionais de 47 m²

Fonte: Privilegiômetro Tributário da Unafisco Nacional



próximo ano devido à redução da sustentação fiscal, Haddad sublinhou o fato de que o estímulo deste ano foi muito menor do que o do ano passado e ainda assim a economia cresceu mais em 2024 do que em 2023. O ministro disse que a evolução depende de uma série de variáveis que até o fim do ano precisam ser ajustadas, mas não é verdade que o Brasil está crescendo com estímulo fiscal. “O déficit do ano passado, em função do pagamento do calote do governo anterior, é três vezes superior ao programado para este ano, segundo o mercado. E, apesar disso, a economia está crescendo mais do que em 2023.”

Sobre a questão fiscal, Haddad repisou o aspecto da corrosão muito forte da base fiscal de 2014 a 2022 e disse que o governo está empenhado em recompô-la, até porque as despesas herdadas para as quais não havia fontes de financiamento têm de ser pagas. Ao mesmo tempo serão restringidas as despesas, que devem cair como proporção do PIB, se a economia con-

**Sem investimento produtivo,
não há prosperidade. Mas o Congresso
só pensa nas Emendas Pix**

tinuar a crescer acima de 2,5% ao ano, tecto do arcabouço fiscal. Esse é o objetivo.

A respeito do pacote de gastos, Haddad disse ter reuniões agendadas com outros ministérios e o presidente para discutir o tema. “Está acontecendo uma convergência entre receitas e despesas, algo que não ocorria desde 2015. E sem maquiagens, como vender estatal na bacia das almas, dar calotes em precatórios”, disparou. “O Brasil não pode se conformar em crescer abaixo da média mundial, como aconteceu nos dez anos que antecederam a posse do presidente Lula em 2023”, disse Haddad em evento realizado em São Paulo.

A melhora da projeção do FMI está em sintonia com estimativas do Ministério da Fazenda, de que o PIB deste ano pode ultrapassar 3%. É pouco, alertam vários economistas, se o País pretende

entrar no time dos desenvolvidos. Apenas nações que cresceram de 5% a 7% durante ao menos quatro a cinco anos seguidos, com participação expressiva do investimento público, desencadearam um processo de expansão capaz de mudar a economia de patamar. A taxa de investimento, quando se cresce nesse ritmo, oscila em torno de 25% e a do Brasil está deprimida faz dez anos, estacionou em 16,6% e é insuficiente para cobrir a própria depreciação.

A especulação contra o governo, dissociada da situação efetiva da economia, ganhou mais combustível com recentes declarações do presidente do Banco Central até dezembro, Roberto Campos Neto. Na segunda-feira 21, o banqueiro declarou durante evento em São Paulo que o Brasil precisa de um choque fiscal, se quiser ter juros mais baixos de modo duradouro. A afirmação de Campos Neto, mais uma entre inúmeras proferidas fora do contexto das reuniões e da chamada liturgia do BC, ocorreu na mesma semana em que seu sucessor, Gabriel Galípolo, encontrava-se na China, em visita oficial.

Em seminário na USP, sobre os desafios e as perspectivas da economia, Haddad ressaltou que, se o Congresso tivesse aprovado as propostas do governo, não se estaria falando da questão fiscal. A exacerbação desse assunto chegou a tal ponto, ironizou o ministro, que, se houver superávit de 0,2% do PIB, o governo será tachado de neoliberal, mas, se ocorrer um déficit de 0,2%, vai ser rotulado de comunista.

Segundo Galípolo, existem “dores” associadas ao processo de ajuste fiscal que decorrem da diferença de velocidade com que operam os mercados financeiros em relação à velocidade possível da política. “Sei do compromisso do ministro Haddad em entregar uma política fiscal sustentável e socialmente justa”, sublinhou o futuro presidente do BC, em seminário organizado pelo Itaú no início de outubro. •

A sorte está lançada

SEGUNDO TURNO Desta vez com maior presença de Lula, o campo progressista luta para conter avanço da direita nas capitais

POR FABÍOLA MENDONÇA E MARIANA SERAFINI

A ausência sentida nos palanques no primeiro turno, Lula fez a diferença neste segundo e turbinou a campanha em capitais e grandes cidades nas quais o PT tem chances reais de vitória. Com isso, pode ajudar o campo progressista a conquistar prefeituras importantes no próximo domingo 27. O partido do presidente aposta todas as fichas em Fortaleza, onde o cenário parece mais promissor, mas também em Natal, Cuiabá, Camaçari e Olinda, onde tem candidaturas competitivas. Em São Paulo, o aliado Guilherme Boulos, do PSOL, tem o desafio de reverter a grande desvantagem nas pesquisas para o prefeito Ricardo Nunes, candidato à reeleição pelo MDB, ou pelo menos garantir que significativa parcela do eleitorado continue ao lado da esquerda em um importante colégio eleitoral para a disputa de 2026.

Neste segundo turno, Lula esteve em Fortaleza, Natal e Camaçari, polo industrial da Grande Salvador. Ao contrário do ocorrido na maioria dos municípios, onde o debate se concentrou em questões locais, a disputa na capital cearense também expressou a polarização política vista no cenário nacional. O PT enfrenta o deputado federal André Fernandes, candidato do PL e representante da nova geração do bolsonarismo, ainda mais radical que a precursora. Com apenas 26 anos, Fernandes consolida-se como expoente



São Paulo. Marta Suplicy e Guilherme Boulos puxam a “Caravana da Virada” na cidade



do ultraconservadorismo no Ceará, desbancando o veterano Capitão Wagner, do União Brasil, representante da direita tradicional com fama de cavalo paraguaio. Investigado pelo STF por envolvimento nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, Fernandes está tecnicamente empatado com Evandro Leitão, do PT, atual presidente da Assembleia Legislativa.

Em pesquisa da Quaest divulgada na quarta-feira 23, o petista figurava com

**Em Fortaleza, o PT
testará a sua força
em um confronto
direto com o PL
de Jair Bolsonaro**

Padrinho. O petista Evandro Leitão teve Camilo Santana como seu principal fiador político. Se conseguir vencer, o ministro da Educação também sairá fortalecido

44% das intenções de voto, seguido de perto pelo bolsonarista, com 42%. Na rodada anterior, divulgada pelo instituto no dia 17 de outubro, os dois apreciavam com 43%. Diante do cenário imprevisível, é provável que o vencedor só seja conhecido nos momentos finais da apuração de votos. Nos últimos dias de campanha, os candidatos apostaram em eventos de rua e propaganda negativa, um contra o outro. Do lado de Leitão, o deputado federal José Guimarães, líder do PT na Câmara, divulgou um vídeo em que Fernandes aparece desdenhando do número de feminicídios no Brasil e chega a usar o termo “dane-se!” O bolsonarista, por sua vez, explorou um ato falho de Leitão, que afirmou, durante uma entrevista, que seria um “prefeito ausente”, quando, na verdade, queria dizer “presente”.

Para além da troca de farpas, o que pode realmente pesar nas urnas são as novas adesões que os dois palanques receberam. Derrotado em 6 de outubro, o PDT do prefeito José Sarto preferiu a neutralidade a apoiar Leitão, postura parecida com a de Ciro Gomes, principal líder do partido no Ceará. Já um de seus principais aliados, o ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio, não só declarou apoio a Fernandes como tem participado dos eventos de campanha, postura oposta à do presidente nacional do PDT, o deputado federal André Figueiredo, e do ministro da Previdência, Carlos Lupi, que chegou a chamar Fernandes de “filhote da ditadura” nas redes sociais. Na reta final, Leitão também recebeu o reforço do vice-presidente Geraldo Alckmin, que participou, ao lado do petista, de um evento

Natal. Nas pesquisas, a candidata do PT ainda figura atrás de Paulinho Freire, do União Brasil, mas pode surpreender

com empresários, e do prefeito do Recife, João Campos, reeleito no primeiro turno com mais de 78% dos votos válidos, que também marcou presença na campanha.

“Para o PT, eleger Leitão representa uma vitória considerável, porque Fortaleza é uma das capitais mais importantes do Nordeste e um colégio eleitoral de peso. Seria uma vitrine para o partido, pensando nas eleições de 2026”, analisa a socióloga Monalisa Torres, professora da Uece e integrante do Observatório das Eleições, acrescentando que o ministro da Educação, Camilo Santana, também sairia fortalecido, por ter sido o principal fiador do candidato. “Independentemente do resultado, vemos uma reorganização da direita em torno de uma liderança mais estridente e radical. Fernandes é um representante dessa nova geração do bolsonarismo.”

Em Natal, a deputada federal Natália Bonavides está atrás de Paulinho Freire, do União Brasil, mas ainda pode surpreender nas urnas. Na pesquisa AtlasIntel da segunda-feira 21, a petista tinha 44,9% dos votos válidos, contra 55,1% do adversário. “Natal vive um longo período de marasmo administrativo, onde problemas históricos da cidade não são enfrentados. O PT nunca teve a oportunidade de administrar a capital, mas agora temos uma chance única de fazer uma prefeitura alinhada com os governos estadual e federal e que vai priorizar o povo de Natal na gestão”, salienta Bonavides.

Para o cientista político Anderson Santos, professor da UFRN, a campanha está indefinida, apesar de Freire aparecer numericamente à frente. “Se Natália vencer, será a renovação e oxigenação do PT, um quadro jovem do partido que chegará à prefeitura pela primeira vez. O governo de Fátima Bezerra está mal avaliado e



Na capital potiguar, **Natália Bonavides** emerge como uma **nova liderança** do campo progressista

não se vislumbra, no atual momento, que ela faça o sucessor. Uma vitória de Natália fortalece o PT junto a seus aliados”, diz.

Em Camaçari, o petista e ex-prefeito Luiz Caetano lidera a disputa, mas é seguido de perto, muito perto, por Flávio Matos, do União Brasil. Segundo pesquisa divulgada pelo Instituto Potencial na segunda-feira 21, o petista tem 46,7% das intenções de voto, ante 44,8% de Matos, com uma margem de erro de 4 pontos percentuais. Esta é a primeira vez que Camaçari terá segundo turno numa eleição municipal. Por pouco não houve uma de-

finição logo na primeira votação. Os dois candidatos saíram das urnas com uma diferença ínfima: Caetano teve 49,52% e Matos, 49,17%, menos de 600 votos de diferença. “O cenário está bastante equilibrado, mas penso que o viés lulista pode influenciar Caetano nesta reta final e o desgaste da gestão do atual prefeito pode ser um fator decisivo. Seguramente, será uma disputa acirrada entre dois grupos, um do União Brasil, que governa Salvador, e outro do PT, à frente do governo baiano”, avalia Carlos André de Souza, cientista político e professor da Unilab.

Em Pernambuco, o petista Vinícius Castelo tem grande chance de se eleger prefeito de Olinda, na região metropolitana do Recife. Castelo surpreendeu no primeiro turno ao liderar, com 38,75% dos votos, à frente de Mirela Almeida, do PSD, candidata do atual prefeito e favorita até então, com 30,02%. Fora do Nordeste, o PT ainda pode surpreender em Cuiabá, capital de Mato Gros-



so. O médico Lúdio Cabral aparece na pesquisa Percent, divulgada na terça-feira 22, com 53,2% dos votos válidos, enquanto Abílio Brunini, do PL de Bolsonaro, tem 46,8%. Na pesquisa do Instituto AtlasIntel, divulgada também no dia 22, o candidato bolsonarista aparece na frente, com 53,5%, enquanto o petista marca 46,5%. Definição mesmo, só nas urnas.

Em Porto Alegre e São Paulo, o cenário é bem mais complicado. Sebastião Melo, do MDB, lidera com folga as pesquisas na capital gaúcha, muito à frente da petista Maria do Rosário. Após as inundações que devastaram a cidade em maio, agravadas pela falta de manutenção do sistema municipal antienchentes, muitos acreditaram que o prefeito estaria liquidado. Melo conseguiu, porém, reconquistar a confiança dos eleitores ao prestar auxílio às famílias atingidas e liderar os esforços de reconstrução na cidade, com fartos recursos federais.

Na capital paulista, Guilherme Bou-

los conseguiu reduzir um pouco a distância em relação a Nunes, mas ainda falta muito para escalar. Se perder, não será por falta de empenho. “Vou passar 24 horas por dia conversando com as pessoas e virando voto”, anunciou o candidato do PSOL na segunda-feira 21. O deputado nem volta mais para casa, tem dormido todas as noites no lar de um apoiador diferente. A ideia é se aproximar dos eleitores e aproveitar o tempo ao máximo. A ação, que ele batizou de “Caravana da Virada”, é exibida em *lives* em tempo real. Na tentativa de diminuir a rejeição, Boulos também leu uma “Carta ao Povo de São Paulo”, na qual se compromete a governar pautado pelo diálogo e “sem amarras ideológicas”, reeditando a estratégia de Lula em 2002, quando o líder petista lançou sua “Carta ao Povo Brasileiro” para diminuir as resistências de empresários e do setor financeiro ao seu nome.

O deputado conta com o vice-presidente Geraldo Alckmin e o ministro Márcio

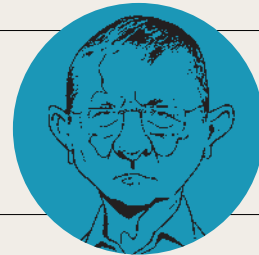
Cuiabá. Na capital de um estado voltado ao agronegócio, o petista Cabral disputa voto a voto com o bolsonarista Brunini

França, ambos do PSB de Tabata Amaral, para reforçar o seu palanque. Na terça-feira 22, eles participaram de um grande evento no Teatro Gazeta, na Avenida Paulista, com a presença da petista Marta Suplicy, vice na chapa de Boulos, e dezenas de intelectuais, artistas e dirigentes políticos. Alckmin chegou a vestir meias estampadas com o número “50”, do PSOL. Boulos também tem procurado lideranças evangélicas fora dos grandes templos, em sua maioria fechados com Bolsonaro e Nunes. É o caso do pastor Ariovaldo Ramos, da Comunidade Cristã Reformada, que integra a Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito e declarou apoio ao psolista.

Já Nunes conta com o envergonhado apoio de Jair Bolsonaro, que finalmente participou de um evento de campanha, após mais de dois meses sem dar as caras, e confia que os eleitores de Pablo Marçal, em sua maioria bolsonaristas, jamais apoiariam um candidato progressista.

O cientista político Cláudio Couto, acredita que a dificuldade de Boulos em virar o jogo é muito mais um problema “estrutural da esquerda” que do próprio candidato. “A campanha foi bem conduzida, ele procurou fazer críticas sérias à atual gestão, mostrou as falhas, e teve oportunidade de crescimento com esse episódio da falha da Enel”, elenca o professor da FGV.

Na avaliação do especialista, mesmo que Boulos não consiga vencer este pleito, ele não sairá “menor do que entrou”. Ao contrário, consolida-se como uma competitiva liderança do campo progressista. “Boulos tem uma rejeição maior que candidatos de perfil moderado do próprio PT e, ainda assim, conseguiu manter uma certa coesão do eleitorado em torno dele”, explica. “A questão agora é saber qual o tamanho desse eleitorado.” •



Biodiversidade: o Brasil não lidera

► Na COP-16, em Cali, o País chega de mãos abanando

A ONU promove três tipos de conferência das partes acerca das questões ambientais. Elas são denominadas pela sigla COP. Todos os países são convidados e as decisões são adotadas por consenso. As COPs dividem-se em conferência sobre as mudanças climáticas, a mais conhecida, desertificação e biodiversidade.

A COP-30, das mudanças climáticas, será em Belém do Pará, em novembro de 2025. Mas entre 21 de outubro e 1º de novembro, a ONU realiza em Cali, na Colômbia, a COP-16 da Biodiversidade. É legítimo dizer que, no caso da biodiversidade, a mais importante, até agora, foi a COP-15, no Canadá. A conferência aprovou o Quadro Global de Biodiversidade de Kunming-Montreal. E enfatizou o rápido declínio da natureza, que ameaça a existência de mais de 1 milhão de espécies e impacta a vida de bilhões de seres humanos.

As metas para 2030 visam deter a violenta degradação da natureza, além de salvaguardar a preservação da biodiversidade. Foram definidas 23 metas até 2030 e quatro até 2050. Dentre elas estão:

Conservação de ao menos 30% das terras, oceanos e áreas costeiras do mundo;

Restauração de 30% dos ecossistemas terrestres e marinhos;

Redução a quase zero da perda de áreas de alta importância para a biodiversidade;

Redução pela metade do desperdício global de alimentos;

Redução de ao menos 500 bilhões de dólares por ano em subsídios que prejudicam a biodiversidade;

Aumento de ao menos 200 bilhões de dólares anuais de financiamento à biodiversidade;

Proteção de polinizadores;

Partilha justa e equitativa dos benefícios do uso da biodiversidade;

Proteção dos direitos dos povos indígenas.

Assim como o Acordo de Paris, que prometia limitar o aquecimento global a 1,5 grau Celsius até o fim do século XXI em relação à temperatura medida da era pré-industrial, a COP-15 da Biodiversidade caminha para o fracasso. O mundo não alcançará essas metas. Ao contrário, a degradação e a destruição da biodiversidade planetária tendem a se acelerar.

O compromisso assumido pelos países em Montreal foi o de apresentarem na COP-16, em Cali, um plano nacional de preservação da biodiversidade. Somente 29 dos 191 países signatários do Marco Global da Biodiversidade apresentaram seus planos nacionais e esta é uma evidência do fracasso

Um expoente desse fracasso é o Brasil. A delegação brasileira chegou em Cali de mãos abanando. O Brasil está entre os 167 países que não apresentaram um plano nacional. Quer dizer: o Brasil não lidera a agenda ambiental global e tem colhido uma série de fracassos. A omissão do governo federal em relação às recentes queimadas faz parte desse quadro geral de derrotas que o governo Lula acumula na agenda ambiental.

Se até agora havia uma complacência com o governo por parte dos ambientalistas, especialistas e ativistas, ela deixou

de existir. Os poucos avanços na demarcação das terras indígenas é um marco do descaso. A existência de vários territórios protegidos é condição fundamental para a preservação da biodiversidade.

O governo não fez pouco caso apenas nas demarcações. Não conseguiu sequer proteger as terras demarcadas, alvos de todo tipo de investidas criminosas e violentas por garimpeiros, madeireiros, caçadores, fazendeiros e predadores diversos que se associam às grandes organizações criminosas para atacar os territórios e seus povos.

Outra demanda fundamental do Marco da Biodiversidade é a de reduzir o uso de agrotóxicos. O Brasil continua a ser o campeão mundial de utilização de defensivos agrícolas, muitos dos quais proibidos em outros países. O desempenho do governo Lula em outras pautas também é sofrível: falta de metas na redução de combustíveis fósseis, ausência de leis de proteção dos oceanos (Lei do Mar), ausência de política nacional para combater a poluição do plástico, atraso em mais de 80% e retrocessos em algumas metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, pouca eficácia na redução do desmatamento total e ausência de um plano nacional de combate a incêndios.

Dessa forma, o Brasil perde a legitimidade de reivindicar a liderança global na agenda do desenvolvimento sustentável. As ações do Estado e do governo para proteger a natureza estão longe de ser satisfatórias. O próprio engajamento do presidente Lula na agenda ambiental no plano internacional tem se mostrado tibio. O nosso vizinho, Gustavo Petro, presidente da Colômbia, é muito mais assertivo e contundente na defesa das causas ambientais. •

alfornazieri@gmail.com

Rede D'Or é uma das empresas mais sustentáveis do mundo

Apenas cinco empresas brasileiras estão entre as 500 mais sustentáveis do mundo em 2024, e a Rede D'Or é parte desse grupo

Premiações e certificações colocam a Rede D'Or, maior empresa de saúde da América Latina, em destaque na gestão ambiental e social. Uma das principais é concedida pela centenária revista Time, conhecida mundialmente por seus rankings e listas, que elegeu em junho as 500 empresas mais sustentáveis em 2024. Nesse seletivo grupo, além de ser uma das 5 brasileiras no ranking, a Rede é uma das apenas 11 empresas de saúde selecionadas no mundo todo.

Não é de hoje que as iniciativas de sustentabilidade da Rede D'Or ganham reconhecimento. Desde 2022, a companhia divulga amplamente as suas metas de sustentabilidade no Relato Integrado de Sustentabilidade, auditado por organismo externo independente e credenciado junto a CVM, Comissão de Valores Mobiliários, destacando-se como uma das poucas empresas brasileiras de saúde com uma estratégia ESG definida e metas claras de governança, meio ambiente e responsabilidade social.

“Estamos fortemente engajados na agenda das mudanças climáticas, contribuindo para uma economia de baixo carbono. Entre nossas iniciativas estratégicas, destacamos a intenção de migrar 74 unidades consumidoras para o uso de energia de fontes renováveis até o final de 2025. Nosso objetivo é reduzir em 36% as emissões de gases de efeito estufa até 2030, em alinhamento com o compromisso Race to Zero”, afirma Paulo Junqueira Moll, CEO da Rede D'Or.

A companhia continua investindo na eficiência energética de seus hospitais e clínicas e no aprimoramento do programa de gerenciamento de resíduos. “Ressaltamos também o nosso compromisso social com o desenvolvimento econômico das regiões em que atuamos. Em 2023, mais de 90% dos materiais e serviços contratados pela Rede D'Or foram distribuídos por fornecedores locais”, destaca o executivo.

Resultados e metas

Em 2023, a Rede D'Or foi uma das seis empresas de saúde globalmente reconhecidas com o prêmio Health Care Climate Challenge, concedido pela



Paulo Junqueira Moll, CEO da Rede D'Or.

organização internacional Saúde sem Dano (Health Care Without Harm), representada no Brasil pelo Projeto Hospitais Saudáveis. A premiação, na categoria Campeões Climáticos de Cuidados com a Saúde e Liderança Climática (Climate Leadership - Gold), ressalta o empenho da Rede D'Or no combate às mudanças climáticas.

A Rede D'Or também recebeu Menção Honrosa na categoria Análise Econômico-Financeira do 25º Prêmio Abrasca, de Melhor Relatório Anual de Companhia Aberta - Grupo 1. Esse reconhecimento, junto com a inclusão como finalistas pelo Relatório de Sustentabilidade 2022, reflete a transparência e a qualidade das informações econômicas, sociais, ambientais e governança divulgadas.

Na bolsa de valores B3, a companhia foi selecionada para integrar a 19ª carteira do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE), que entrou em vigor em janeiro de 2024. Apenas empresas reconhecidas pelo seu comprometimento com a sustentabilidade empresarial entram para esse seletivo índice.

Ter metas ESG e implementar políticas para atingi-las é um trabalho permanente, em que o processo de amadurecimento é transversal e a evolução é constante”, declara Ingrid Cicca, gerente de Sustentabilidade e Meio Ambiente da Rede D'Or.



LEIA O
QR CODE E
SAIBA MAIS

RESULTADOS ESG DA REDE D'OR EM 2023



17,1% redução no consumo de água*



13% redução na quantidade de resíduos perigosos gerados



133 unidades inventariadas no programa GHG Protocol, para monitorar e estabelecer métricas de redução de emissão de gases de efeito estufa



Redução de 16,9% no consumo energético nas Centrais de Água Gelada



73 unidades consumidoras no mercado livre de energia



R\$ 17,5 milhões investidos em projetos sociais incentivados



R\$ 31,9 milhões investidos no gerenciamento de resíduos



21.325 empregos gerados



R\$ 1,6 milhão de beneficiários diretos e indiretos impactados pelos projetos sociais da empresa

*15 unidades integrantes do projeto de eficiência hídrica

De mãe para filha

BAHIA Em Vitória da Conquista, um imbróglio familiar impede a diplomação da prefeita reeleita

Terceiro maior colégio eleitoral da Bahia, Vitória da Conquista, cidade com 400 mil habitantes, ainda não sabe quem assumirá a prefeitura em 1º de janeiro do próximo ano. Os quase 116 mil votos conferidos à atual prefeita, Sheila Lemos, que disputou a reeleição pelo União Brasil, estão *sub judice*, após terem sido considerados nulos pelo Tribunal Regional Eleitoral. A decisão está nas mãos do Tribunal Superior Eleitoral, em Brasília, e não há prazo para a análise do caso. Se até a data da posse não ocorrer uma definição, quem vai sentar na cadeira de prefeito de forma interina é o presidente da Câmara Municipal, a ser escolhido dia 1º de janeiro, em votação dos pares. Com porcentual de 58,83% no primeiro turno, Lemos havia sido impugnada pela maioria do TRE. Os juízes entenderam tratar-se de um terceiro mandato do mesmo grupo familiar, em infração ao artigo 14 da Constituição, que versa sobre a chamada inelegibilidade reflexa, e das Leis Complementares 64 e 135.

O caso tem gerado muita controvérsia. Tudo começou em 2016, quando a mãe de Sheila, Irma Lemos, foi eleita vice-prefeita na chapa de Herzem Gusmão. Em 2020, Gusmão foi reeleito, mas a mãe abdicou do posto de vice em favor da filha. A 13 dias de tomar posse do segundo mandato, o prefeito foi aco-

metido por Covid-19 e faleceu três meses depois, sem nunca assumir o cargo. Com o afastamento de Gusmão no fim do primeiro mandato, Irma assumiu o posto em 18 de dezembro de 2020 e coube a ela passar a faixa à filha, em 1º de janeiro, até então em caráter provisório. Em 8 de janeiro de 2021, a Câmara Municipal chegou a realizar uma sessão *online* para, simbolicamente, dar posse a Gusmão, que acompanhou a solenidade de um leito do hospital Sírion-Libanês, em São Paulo, onde estava internado. O ato não teve efeito prático, pois em 21 de março o titular morreu e Sheila assumiu a cadeira em definitivo.

“O parágrafo 5º do artigo 14 da Constituição é claro ao dizer que o chefe do Poder Executivo, seja o presidente da República, governador ou prefeito, pode candidatar-se a uma única reeleição para o período subsequente. O parágrafo 7º do mesmo artigo completa e diz que o impedimento se estende aos familiares”, ex-

Para o Tribunal Eleitoral, Sheila e Irma Lemos cumpriram três mandatos consecutivos

plica Alexandre Pereira de Souza, advogado da chapa A Força Pra Mudar a Conquista, autora da ação que pede a impugnação da candidatura de Lemos e é encabeçada pelo deputado federal Waldenor Pereira, segundo colocado na disputa municipal. Candidato pelo PT, Pereira obteve 26,74% dos votos válidos. Caso o TSE decida realizar uma nova eleição, o petista deverá concorrer novamente.

“Uma das conquistas da Constituição brasileira foi colocar barreiras para que não se continuasse o controle do Poder Público por parte das famílias poderosas, que passavam os mandatos de pais para filhos. É um princípio republicano a possibilidade da alternância de poder e isso é incompatível com a perpetuação do mandato familiar”, diz Pereira. “Esse assunto da inelegibilidade vem sendo tema de debate público desde março de 2023. As eleições ocorreram com essa pendência jurídica e a própria prefeita tinha consciência do risco que corria ao postular uma nova candidatura que configurava um terceiro mandato familiar. Mas ela preferiu continuar como se nada tivesse acontecido, criando uma sensação de normalidade. Não é isso que estamos vendo, com a Justiça Eleitoral impossibilitada de decretar o vencedor do pleito até a decisão final do TSE.”

A defesa da prefeita alega que Irma Lemos não sucedeu a Gusmão, o que impediria legalmente a reeleição da filha neste ano, mas o substituiu interinamente. Após o resultado do primeiro turno, Sheila afirmou ter confiança de que a Justiça Eleitoral vai respeitar o resultado das urnas. Em entrevista a *CartaCapital*, preferiu não comentar a judicialização do resultado e afirmou ser vítima da oposição por ser mulher, a primeira a governar Vitória da Conquista. “Vencemos os ataques machistas, as acusações infundadas e apresentamos um projeto validado pelo



povo nas urnas. Foram quase 60% dos votos e somos muito responsáveis com cada um”, disse, antes de ressaltar a “votação histórica” e a vitória no primeiro turno, um feito nunca visto na cidade desde o estabelecimento de dois turnos.

Para o cientista político Cláudio André de Souza, professor da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), caso o TSE confirme a decisão do TRE baiano e mantenha a impugnação da candidatura, ainda assim, no caso de uma nova eleição, é grande a chance de a candidata da UB fazer um sucessor. “Vitória da Conquista foi governada por muitos anos pelo PT, mas, nas últimas eleições, tem se posicionado mais à direita, numa pos-



Sub judice. Segundo a prefeita, a mãe ocupou o cargo de forma interina. Pereira espera novas eleições. O desfecho depende do TSE

tura muito crítica ao PT, apesar de o partido ainda ter ali um terço do eleitorado. A prefeita foi reconduzida, independentemente da questão jurídica. Então, uma nova eleição deve mobilizar os partidos do seu grupo político, favorito a ganhar”, avalia. “Apesar de a cidade continuar a eleger deputados estaduais e federais do PT e a esquerda ter uma militância forte, a gente percebe que isso já não tem sido suficiente para ganhar as disputas majoritárias.” •
- por Fabíola Mendonça

Pato manco

RIO DE JANEIRO Desgastado por escândalos, o governador Cláudio Castro caminha para um melancólico fim de mandato

POR MAURÍCIO THUSWOHL

No vocabulário político, “pato manco” designa aquele mandatário que, sem possibilidade de reeleição nem a perspectiva de retornar ao poder tão cedo, encerra seu mandato de forma melancólica, totalmente enfraquecido. Hoje, esse figurino cabe perfeitamente no governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, do PL. Sem a sombra do apoio recebido dos prefeitos fluminenses na eleição de 2022, fruto da irrigação dos recursos da venda da Cedae, o bolsonarista, que foi catapultado da condição de vereador do baixo clero ao governo estadual, após integrar como vice a chapa do governador cassado Wilson Witzel, enfrenta sérios problemas nas esferas política, administrativa e criminal. A ameaça de prisão no futuro é acompanhada por um abandono político que pode obrigar Castro a se contentar com uma candidatura a deputado federal em 2026.

“Este governo é um fenômeno melancólico e põe em causa qual vai ser o futuro político de um gestor que é realmente um desastre”, afirma o deputado estadual e ex-ministro Carlos Minc, do PSB, o mais antigo entre os parlamentares de oposição ao governador. A última semana teve dois episódios altamente desgastantes para Castro nos setores de segurança pública e de saúde. No primeiro, traficantes em guerra contra milicianos pelo con-

trole das favelas da Muzema e de Rio das Pedras sequestraram 11 ônibus para montar barricadas em uma via expressa em zona nobre da capital. No segundo, seis pessoas foram contaminadas pelo vírus HIV após receberem órgãos transplantados infectados em hospitais estaduais. Outras dezenas de transplantes suspeitos estão sendo analisadas.

As falhas foram cometidas pelo laboratório PCS Saleme, que pertence ao tio de um dos maiores aliados de Castro, o deputado federal Doutor Luizinho, do PP, ex-secretário estadual de Saúde. O laboratório foi escolhido sem licitação pelo governo em “contratos emergenciais” que somam 911 milhões de reais. “Eu só soube no dia do fechamento do laboratório e imediatamente mandei que buscassem as outras pessoas para fazerem as contraprovas”, disse o governador, o que não serviu para aumentar sua popularidade. Segundo pesquisa Datafolha de julho, 46% dos eleitores fluminenses consideram sua gestão ruim ou péssima.

A boia lançada por André Mendonça, do STF, resistirá à tempestade?

Na esfera criminal, o governador ganhou um refresco com a decisão do ministro André Mendonça, do Supremo Tribunal Federal, pela anulação de provas e trancamento de dois inquéritos por corrupção passiva e peculato iniciados, respectivamente, em 2020 e 2023 e atualmente em curso no Superior Tribunal de Justiça. As acusações remontam a 2017, quando Castro ainda era vereador e teria recebido propina em um esquema de corrupção envolvendo projetos de assistência social da Fundação Leão XIII, ligada ao governo estadual. O episódio ganhou repercussão após a divulgação de um vídeo, captado por câmeras de segurança, no qual Castro aparece saindo de um hotel do Rio com uma mochila – recheada com 100 mil reais, segundo o Ministério Público Estadual. Mendonça acolheu um *habeas corpus* preventivo e afirmou haver irregularidades formais na investigação, o que acarretou “nulidades insanáveis” ao inquérito. A decisão do ministro será, porém, submetida ao plenário do STF.

“A decisão significa que terei paz para trabalhar nos próximos dois anos”, declarou Castro. O socorro de Mendonça, contudo, não é visto como definitivo ou mesmo como o prenúncio de uma ofensiva do campo bolsonarista para salvar a pele do governador. “Na justiça estadual, Castro livrou-se por 4 a 3, um placar apertado. Eram provas fortes e o processo foi para Brasília. O ministro Mendonça desqualificou parte dessas denúncias, mas o MP já recorreu. É difícil uma articulação em sua defesa, porque o bolsonarismo não tem muita força no Supremo. Ao contrário, se tem uma coisa que une o STF é ser contra Bolsonaro”, diz Minc.

Na seara política, o governador está emparedado, de um lado, pelo pouco prestígio que parece desfrutar hoje em seu partido e, por outro, pelo crescente poder do presidente da Assembleia Legislativa,



Rodrigo Bacellar, do União Brasil. Hoje em claro processo de afastamento em relação a Castro, o deputado estadual, que foi chefe da Secretaria de Governo por um ano e é provável candidato a governador em 2026, fortaleceu-se com a eleição de 13 prefeitos aliados. Ato contínuo, a Alerj instalou a CPI da Transparência, que apura irregularidades na gestão estadual e já convocou sete secretários de governo para depor. Por sua vez, o PL apresentou ao governador a proposta de vir como candidato a deputado em 2026, já que a vaga ao Senado está reservada a Flávio Bolsonaro, em busca de reeleição.

Prisioneiro da situação, Castro surpreendeu nos últimos dias com a admissão de que pode não ser candidato a nada: “Não vou me afastar para concorrer a outro cargo, vou governar até o último dia do meu mandato”. A medida evitaria

Providencial socorro. O magistrado anulou provas e trancou dois inquéritos contra o mandatário, mas a decisão ainda deve ser revertida por colegas da Corte



que o vice, Thiago Pampolha, do MDB, rompido com Castro há cerca de um ano, assumisse o cargo e pudesse tentar a reeleição em 2026 como nome competitivo da direita. Mas tudo ainda pode mudar, já que aliados do governador alertam que, se ficar sem mandato, ele perderá o direito a foro privilegiado nas investigações criminais em curso.

Outro problema político de Castro atende pelo nome de Eduardo Paes, prefeito da capital reeleito com folga, que já desbenta como favorito na disputa pelo governo estadual. Isso faz com que setores da direita defendam o abandono do governador mal avaliado: “Paes montou uma forte frente política na eleição para a prefeitura. Caso consiga mantê-la, seguirá forte em 2026. O grupo liderado por Bolsonaro tem condições de lançar um candidato competitivo, mas ainda estamos distantes do cenário político de 2026, o que coloca o atual presidente da Alerj como uma das opções, mas não a única”, avalia o cientista político Ricardo Ismael, da PUC Rio. Apesar do ostracismo, Ismael diz ser precipitado afirmar que Castro está fora do jogo sucessório estadual: “A máquina estadual sempre conta no processo eleitoral. Além disso, o PL conquistou 22 prefeituras”.

Diretor do Laboratório de Estudos sobre Estado e Ideologia da UFRJ, Luiz Eduardo Motta avalia que, com Castro fora do baralho, a política estadual ficará mais polarizada, uma vez que o governador, ao longo de sua gestão, tentou driblar discursivamente esse tipo de confronto: “Haverá uma frente ampla contra a extrema-direita, provavelmente em torno de Paes, mas ainda acontecerão muitas variáveis nos próximos dois anos”. Minc concorda e ressalta que a mais importante das variáveis é a disputa pela presidência da Alerj em fevereiro: “Se o grupo de Paes bater o candidato de Castro, o governador estará pior do que pato manco”. •

Fresta aberta

VATICANO O Sínodo dos Bispos alimenta a esperança de maior reconhecimento do protagonismo feminino na Igreja Católica

POR RODRIGO MARTINS

A 16ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos tem um significado especial para as mulheres católicas. Pela primeira vez na história da reunião episcopal, concebida pelo papa Paulo VI em 1965, elas têm direito a voto em um dos principais eventos de consulta do Vaticano para definir os rumos da Igreja Romana. O documento final deverá ser votado no próximo sábado 26. Temas controversos, como a inclusão de pessoas LGBTQIA+, a ordenação de padres casados e o acesso das mulheres ao diaconato, com poder de celebrar batismos e casamentos, devem ficar de fora do texto, graças à firme reação da ala conservadora. Ainda assim, representantes do laicato feminino vislumbram uma abertura na decisão do papa Francisco de ampliar a participação das mulheres em esferas decisórias.

“Esse papado vem dando uma força importante para a inclusão das mulheres nos espaços de decisão da Igreja. No próprio Vaticano, existem várias assumindo cargos importantes, antes reservados apenas a bispos ou padres”, observa Maria Cristina dos Anjos, assessora de migração da Cáritas Brasileira e uma das 54 convidadas para participar do histórico encontro sinodal. “Antes, as mulheres só participavam como ouvintes ou para secretariar as reuniões. Agora, elas têm

direito a voz e voto. Estamos fazendo história. São sinais de que a Igreja, com a contribuição inegável do papa Francisco, está reconhecendo o protagonismo feminino.”

De fato, em 2022, Francisco nomeou três mulheres para integrar o poderoso Dicastério para os Bispos, responsável pela eleição dos novos pastores diocesanos: as irmãs Raffaella Petrini, secretária-geral do Governorato do Estado da Cidade do Vaticano, e Yvonne Reungoat, ex-superiora-geral das Filhas de Maria Auxiliadora, além da doutora Maria Lia Zervino, presidente da União Mundial de Organizações Femininas Católicas. Entre as leigas que já ocupavam cargos de alto nível no Vaticano, figuram Barbara Jatta, a primeira diretora dos Museus Vaticanos, Nataša Govekar, chefe do departamento teológico-pastoral do Dicastério para a Comunicação, e Cristiane Murray, vice-diretora da Sala de Imprensa Vaticana. Todas elas foram nomeadas no atual pontificado.

Pela primeira vez, as mulheres têm direito a voto em um dos mais importantes eventos da Santa Sé



Mulher negra e oriunda de uma comunidade simples em Pirapora, no norte de Minas Gerais, Cristina dos Anjos cresceu vendo a mãe fazendo pregações e tomando a frente de diversos serviços da paróquia local. Ainda hoje, acrescenta, são as mulheres que asseguram a presença da Igreja em comunidades pobres e distantes dos grandes centros urbanos. “Vemos isso claramente na Amazônia, mas não só lá. Podemos dizer que, de maneira geral, as igrejas católicas no Brasil estão vivas graças ao trabalho das mulheres. O papa criou, inclusive, um grupo de trabalho para discutir essa temática no Sínodo. Está ficando cada vez mais evidente que a experiência prática deve guiar as decisões. Vivemos um tempo de mudanças, é um momento muito rico e importante para a Igreja. Não há como retroceder.”

A assistente social Sônia Gomes de



O papa Francisco é sensível às demandas das mulheres, mas enfrenta resistências

Oliveira, presidente do Conselho Nacional do Laicato do Brasil, é outra brasileira que viajou ao Vaticano para participar da assembleia do Sínodo. Recentemente, ela esteve na Amazônia e viu de perto o protagonismo exercido pelas mulheres nas comunidades ribeirinhas.

“Devido à escassez de sacerdotes na região, há lugares que ficam meses, até um ano, sem receber um padre. Com essa realidade, de locais que só são acessíveis após muitas horas de viagem de barco, são as mulheres que asseguram a presença da Igreja. Elas pregam a Palavra de Deus, atendem quem está morrendo e, mesmo sem ter o ministério, fazem até batismos. O próprio arcebispo de Manaus, Dom Leonardo Ulrich Steiner, observa que muitas dessas mulheres já são diaconisas na prática, só

não têm esse ministério reconhecido.”

Em recente entrevista na Sala de Imprensa do Vaticano, Dom Leonardo defendeu o acesso das mulheres ao diaconato, hoje só ocupado por sacerdotes em formação ou por homens casados. “As mulheres na Amazônia têm um papel fundamental. Nós todos sabemos que, na nossa região, por mais de cem anos, as comunidades viveram sem a presença do presbítero, do padre. E as comunidades continuaram vivas, organizadas, rezando, celebrando e tendo os seus modos de oração. Nesse sentido, foram as mulheres que levaram adiante as comunidades, e hoje também estão levando à frente as nossas comunidades.” O cardeal observa que várias mulheres na sua arquidiocese já receberam os ministérios da Eucaristia e da Palavra de Deus. “E nós estamos agora propondo para algumas comunidades, mais distantes, que elas

também possam receber algum sacramento (*das mulheres*), como, por exemplo, o batismo, sem a presença do padre.”

Oliveira enfatiza que o diaconato feminino não é uma panaceia nem uma pauta de todas as mulheres que participam do encontro, mas seria, na sua avaliação, um reconhecimento do trabalho que desenvolvem. “Hoje, quem mais anima as comunidades são as mulheres, mas elas também querem ser protagonistas nas decisões tomadas nas paróquias, nas dioceses”, diz, enfatizando que um dos maiores desafios dos católicos, hoje, é tornar a Igreja mais inclusiva e diversa. A percepção é partilhada por Cristina dos Anjos: “Não tem como negar a discussão sobre a presença e o papel das mulheres e dos leigos na Igreja hoje, entendendo que o laicato, de modo geral, é uma ponte com o mundo, é quem está no cotidiano”. •

Anísio Teixeira aprovaria o Ideb?

EDUCAÇÃO Criado em 2007 pelo instituto que leva o nome do educador, o indicador tornou-se um mero *ranking* de escolas

POR MICAELA GLUZ E RUDÁ RICCI*

No Dia do Professor, o presidente Lula sancionou a lei que reconhece o educador Anísio Teixeira como o patrono da escola pública brasileira. Este é um momento emblemático para a educação, pois Teixeira sempre defendeu uma escola que fosse mais que um lugar de mera apresentação de conteúdos. Ele acreditava em um espaço democrático, capaz de formar cidadãos críticos e preparados para a vida em sociedade, não apenas para passar em exames ou se adequar a métricas.

Ironicamente, o principal indicador de qualidade da educação básica no Brasil, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), foi desenvolvido pela autarquia que leva o nome do educador. Criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o Inep, seu objetivo inicial era medir o fluxo escolar e a aprendizagem de forma regionalizada, promovendo a melhora contínua da qualidade de ensino. Com o passar dos anos, o que deveria ser uma ferramenta para aprimorar a educação tornou-se um *ranking* de escolas e, por vezes, de municípios, usado como uma espécie de selo de boa gestão.

Esse uso distorcido do Ideb tem con-

sequências, no mínimo, controversas. Na busca por melhorar suas posições nesses *rankings*, muitas escolas passaram a adotar práticas que priorizam o desempenho nas provas em detrimento de uma formação integral do aluno. O foco excessivo em resultados padronizados gera um ciclo de ensino voltado para a memorização e preparação para testes, em vez de promover a reflexão crítica e o desenvolvimento de



Patrono. Ele jamais aceitaria um modelo que se limita a preparar alunos para provas

habilidades mais amplas, que eram centrais no pensamento de Teixeira.

Como consequência, a educação passa a ser vista como uma corrida de obstáculos para obter melhores notas, na qual os alunos mais aptos a escolher alternativas e acertar o gabarito são valorizados em detrimento dos que não têm essa habilidade. Muitos estudantes chegam a ser desestimulados a fazer a prova, para não afetar a média geral da escola. Será que o atual Ideb seria um indicador aprovado pelo novo patrono da escola pública do Brasil?

Um dos maiores problemas da visão meritocrática adotada pelo Ideb é que, ao sintetizar dados de aprovação e desempenho em avaliações, o índice não considera as desigualdades socioeconômicas e regionais que impactam diretamente as escolas. Fatores como a infraestrutura escolar, a formação e regularidade dos docentes e, principalmente, as condições de vida dos alunos são ignorados quando se colocam todas as escolas em um único parâmetro comparativo. Assim, alunos e escolas que enfrentam contextos sociais mais desafiadores acabam sendo classificados negativamente, reforçando estigmas e desigualdades.

Embora o Ideb tenha sido criado com boas intenções, sua evolução para um mecanismo que gera comparações rígidas entre escolas e municípios acaba prejudicando o próprio propósito de melhora educacional que Teixeira defendia. Ele acreditava que a educação deveria ser compreendida como uma necessidade social, ou seja, deveria pautar-se pela necessidade das pessoas para se aperfeiçoar num processo de integração social e desenvolvimento às suas próprias ideias e conhecimentos.

A educação deveria basear-se na vida-experiência e aprendizagem. Teixeira relacionava o projeto educacional à consolidação da democracia brasileira. Defendia



a priorização ao acesso e acompanhamento das séries iniciais, oferecendo o direito à educação ao longo de todo o desenvolvimento da criança até a fase adulta. No entanto, o uso indiscriminado de indicadores como o Ideb transforma a educação em um processo industrializado, em que o sucesso é medido pelo número de escolas que “batem a meta”, e não pelo desenvolvimento real dos estudantes.

Quando a escola deixa de ser um espaço de cuidado e proteção, ela torna-se um local de simples treinamento. O projeto educacional de Anísio Teixeira preconiza-

Métrica. Hoje, o sucesso é medido pelo número de escolas que “batem a meta”, e não pelo desenvolvimento real dos alunos

va o fortalecimento dos vínculos comunitários na escola para a formação integral dos sujeitos, a base da educação integral. Território, comunidade e formação integral eram estruturantes no pensamento educacional e político de Teixeira.

Receber o título de patrono da escola pública é uma honra merecida. Mas será que Anísio Teixeira não iria gostar, tam-

O índice desconsidera as desigualdades socioeconômicas e regionais que impactam a qualidade de ensino no Brasil

bém, que o instituto que leva seu nome freasse o uso indiscriminado de indicadores que estimulam a competição entre as escolas e, consequentemente, a industrialização da educação? É preciso repensar o modelo para medir o real desenvolvimento dos estudantes brasileiros, a fim de que seus sonhos não sejam reduzidos a uma pontuação numérica.

De fato, mensurar a qualidade da educação é uma questão complexa. A redução das taxas de reprovação, por exemplo, nem sempre reflete a melhora no aprendizado dos alunos, pois pode esconder um ajuste estratégico do município para evitar quedas no Ideb.

Teixeira ainda aguarda a segunda parte do seu reconhecimento nacional. A verdadeira homenagem deve ser a revisão do uso dessas ferramentas de avaliação e a construção de políticas públicas que respeitem as diferenças regionais e sociais, promovam a equidade e devolvam à escola pública o seu papel central na formação de cidadãos críticos e conscientes. Uma escola que se limita a preparar alunos para passar em provas, e não para enfrentar os desafios da vida, está muito distante do futuro que qualquer patrono da educação poderia vislumbrar. •

**Micaela Gluz é pedagoga e coordenadora de Educação do Instituto Cultiva. Rudá Ricci é cientista político e presidente do Instituto Cultiva.*

Treino para Belém

COP-29 O Brasil chega à conferência do clima no Azerbaijão com o peso de sediar a reunião do próximo ano

POR MAURÍCIO THUSWOHL

Em menos de três semanas, autoridades, empresários e ativistas se reunirão em Baku, capital do Azerbaijão, para a 29ª conferência do clima das Nações Unidas. Em meio à continuidade da guerra na Ucrânia, ao massacre promovido por Israel em Gaza e no Líbano e à indecifrável eleição presidencial nos Estados Unidos, o encontro na antiga república soviética tende a chamar menos atenção do que as plenárias anteriores. Ainda assim, a cúpula merecerá atenção especial do Brasil, que chega com o peso de sediar, em Belém, o evento no próximo ano.

Uma das metas do governo brasileiro durante a COP-29 será destravar as negociações em torno do financiamento a projetos de adaptação ou mitigação dos efeitos das mudanças climáticas nas nações mais pobres e vulneráveis. A discussão, espinhosa, arrasta-se desde 2001, quando foi concebido o Protocolo de Kyoto, embrião do Acordo de Paris, assinado em 2015, no qual os países ricos voltaram a se comprometer com um repasse anual de 100 bilhões de dólares aos Estados em desenvolvimento. Até agora, o fundo criado em 2020 arrecadou cerca de um quarto do valor, muito aquém dos compromissos bastante modestos do mundo rico. Neste meio-tempo, o mundo enfrentou a pandemia da Covid-19 e assistiu

à explosão de conflitos bélicos de monta.

Segundo a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, o financiamento solidário é o pilar de confiança do Acordo de Paris, por isso é essencial um “acordo razoável” sobre o tema no Azerbaijão. “Trata-se de um ponto-chave para que os países em desenvolvimento implementem suas metas climáticas e eliminem a dependência de suas economias dos combustíveis fósseis.”

As diretrizes da atuação do governo brasileiro na COP-29 foram apresentadas em 17 de outubro pela secretária nacional de Mudança do Clima do ministério, Ana Toni, e pelo embaixador André Corrêa do Lago, secretário de Clima, Ambiente e Energia do Itamaraty. O principal tema de negociação proposto pelo governo brasileiro será a Nova Meta Coletiva Quantificada de Financiamento (NCQG, *na sigla em inglês*), que determinará um novo valor a ser direcionado anualmente

Garantir o financiamento aos países em desenvolvimento é um dos objetivos de Brasília



aos emergentes e oficialmente decretará a falência do acordo anterior. “Há temas em discussão no âmbito na NCQG, como a transparência no cumprimento da meta de financiamento, o que permitirá monitorar como os recursos estão chegando aos países em desenvolvimento. Garantir transparência será uma das grandes bandeiras do Brasil em Baku”, diz Toni.

De acordo com a equipe técnica do ministério, outro ponto importante é a definição a respeito da divisão dos novos recursos e de quais tipos de projeto serão financiados entre um vasto leque de possibilidades de ações de mitigação, adaptação ou redução de emissões. Faltam ser definidos ainda alguns “detalhes”: quem vai pagar a conta, quando e quanto. Os países em desenvolvimento, reuni-



Diplomacia. Como futuros anfitriões da reunião, Lula e Marina Silva ficam obrigados a assumir uma postura de mediação nos próximos tempos

dos no bloco G77+China propõem que o financiamento caiba às nações mais desenvolvidas, por serem as maiores emissoras históricas de gases de efeito estufa. A possibilidade de alguns emergentes financiarem voluntariamente a ação climática em outros Estados do Sul Global, como ocorre em vários casos, não está descartada. Outro ponto em aberto é a duração da NCQG, com uma proposta de cinco anos, até 2030, como a meta anterior, e outra de dez anos, o que permitirá que o compromisso seja renegociado em

2035 durante a terceira rodada das Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) para a redução das emissões pelos países signatários do Acordo de Paris.

Além do governo, o Congresso mobilizou-se antes da viagem ao Azerbaijão. Na quinta-feira 24, foi lançado um documento com posicionamentos e recomendações para a COP-29 elaborado pela Frente Parlamentar Ambientalista, em parceria com o Observatório do Código Florestal. O texto elenca orientações para a atuação da delegação brasileira na COP-29 e enfatiza a relevância de seu “caráter preparatório” à COP-30 do próximo ano. “O Brasil deve posicionar-se como uma potência climática por meio de uma NDC sólida e ambiciosa que possa servir de exemplo para outras nações”, destaca o documento.

Coordenador da frente parlamentar, o deputado federal Nilto Tatto, do PT, afirma que o Brasil defenderá em Baku que os recursos da nova NCQG sejam elevados dos atuais – e não cumpridos – 100 bilhões de dólares anuais para 1 trilhão, levando-se em consideração as responsabilidades diferentes entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. “A COP-29 ocorre em um cenário de eventos climáticos extremos e busca aumentar os compromissos internacionais contra a crise climática.” Outro debate crucial, diz o parlamentar, trata do capítulo de Transição Energética Justa. “A COP-29 focará em mecanismos para a eliminação gradual dos combustíveis fósseis. O Brasil deve liderar esse debate sobre a transição, assegurando justiça social e inclusão de grupos vulneráveis.”

A transição energética e o financiamento a medidas de preservação são discussões que se arrastam ao longo do tempo. Grande produtor de petróleo e gás, o Azerbaijão anunciou a criação de um fundo para o combate às mudanças climáticas. Os recursos virão da indústria petrolífera, o que repete um vício de origem que



explica a paralisia das COPs sobre o clima e também simboliza a cegueira – ou hipocrisia – dos principais líderes mundiais. Oriundo do setor, o presidente da conferência, Mukhtar Babayev, ministro da Ecologia e Recursos Naturais do Azerbaijão, fez na quarta-feira 23 um apelo para os países endossarem as medidas propos-

tas. “As declarações e promessas feitas durante a preparação da COP-29 são ferramentas vitais para impulsionar o progresso das ações climáticas. Elas enviam fortes sinais ao mercado, ajudam a direcionar os fluxos financeiros e promovem um senso de responsabilidade compartilhada.”

A sociedade civil estará presente em



Hora da verdade. Preservar os biomas é essencial, mas não se pode escapar do debate sobre o consumo de combustíveis fósseis

Baku, mas aposta na COP-30, em Belém, como o ponto de virada na política ambiental global. “Os olhos do mundo estarão sobre o Brasil porque o País é a próxima presidência de uma COP muito aguardada, por ser a primeira em uma democracia em quatro anos, após as autocracias de Egito, Emirados Árabes e Azerbaijão. Teremos uma COP democrática, finalmente, com direito de manifestação. E muita expectativa sobre a agenda”, afirma Cláudio Ângelo, coordenador de Política Internacional do Observatório do Clima. O ambientalista diz esperar que o governo brasileiro consiga um lugar na agenda da COP-29 para fazer a discussão sobre combustíveis fósseis. “A maioria dos países não quer travar esse debate, mas não temos outra opção. Se quisermos estabilizar o aquecimento global em 1,5 grau, temos de começar a debater a sério qual o calendá-

rio da eliminação gradual dos combustíveis fósseis discutida na COP de Dubai.”

O Brasil, apesar dos últimos percalços e do cenário político interno desfavorável, terá, avalia Ângelo, coisas boas para mostrar no Azerbaijão. “Estamos vendo uma situação de queimadas gravíssima, mas o desmatamento na Amazônia continua a cair e a gente espera para este ano uma queda em torno de 20%, bastante coisa, e que resulta na redução das emissões.” O ambientalista cobra, porém, um “posicionamento forte” do governo na reafirmação do compromisso presidencial de zerar o desmatamento geral no País até 2030, e não apenas o ilegal. As COPs, prossegue, “nunca foram libertadas das garras da indústria do petróleo e menos ainda neste ano”, mas diz esperar que, mesmo nesse contexto

A transição ecológica justa é outro tema central da conferência

e com a “presença maciça de lobistas”, os compromissos com a eliminação dos combustíveis fósseis avancem. “Tivemos em Dubai uma sinalização política nesse sentido, foi a primeira vez que isso constou numa decisão de conferência do clima. Não foi, evidentemente, um trabalho dos petroleiros nas presidências das COPs, mas fruto de uma pressão gigante da sociedade para que os líderes globais acordem para a realidade de que o mundo está tostando muito mais rápido do que qualquer cientista imaginava.”

Coordenador do Fórum Brasileiro de ONGs pelo Meio Ambiente, o ambientalista Rubens Born aposta que o Brasil vai comportar-se mais como o anfitrião que pretende ser em 2025 do que, eventualmente, como líder de posições arrojadas em alguns dos temas. “Quando um país se assume como anfitrião e mediador de eventuais conflitos, os interesses e as possibilidades de ser mais arrojado ficam limitados. O Itamaraty vai tentar, nesse papel, evitar questões polêmicas da pauta doméstica como a expansão da exploração de petróleo na margem equatorial ao longo da costa do Amapá.”

Outro tema sensível, diz Born, é a continuidade da expansão do uso de combustíveis fósseis, a proposta de exploração do gás de *fracking* em alguns estados brasileiros e as tentativas do Parlamento de derrubar as metas de desmatamento zero. “O Brasil vai ter de enfrentar esses desafios internos que podem criar constrangimentos internacionais. E criarão.” O veterano das conferências ressalta que a reunião de Belém não pode ser tratada como a “COP da Amazônia” ou a “COP da Floresta”, como se diz em alguns setores. “Embora as emissões do Brasil sejam em grande parte ligadas ao desmatamento e às mudanças no solo, a COP do Clima é um evento internacional e seu grande desafio é a redução das emissões de gases de efeito estufa, especialmente pelo uso de combustíveis.” •

Além do acrônimo

GEOPOLÍTICA Com certa reticência do Brasil, os BRICS ampliam o número de associados, enquanto miram uma alternativa ao dólar

POR ANDRÉ BARROCAL

Delegações empresariais de países dos BRICS reuniram-se em Moscou em 17 e 18 de outubro, dias antes do encontro anual dos líderes políticos do grupo liderado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Ao chegar à cidade, receberam um cartão com saldo de 500 rublos, a moeda russa, quantia equivalente a 29 reais. O cartão tinha um código “QR” e estava atrelado a uma plataforma de pagamentos criada por uma universidade estatal de São Petersburgo. Seu uso foi um teste para transações internacionais sem dólar. Ao longo do ano, a Rússia, na presidência rotativa dos BRICS até dezembro, investiu em projetos capazes de tirar do papel um sistema monetário que não precise do dólar nem do Swift, sistema de liquidação de pagamentos internacionais. Por causa da guerra na Ucrânia, os bancos russos foram banidos do Swift por Estados Unidos e Europa, os mandachuvas. Um exemplo do impacto da expulsão: cartões de crédito internacionais tradicionais, como Visa e Mastercard, não funcionam na Rússia, a menos que tenham sido emitidos dentro do país, nem permitem saques em caixas eletrônicos.

A situação foi explicada às delegações políticas que se reuniram de 22 a 24 de outubro em Kazan, a cidade da eliminação do Brasil pela Bélgica na Copa de 2018. Da

perspectiva russa, uma alternativa ao dólar e ao Swift é uma necessidade imediata. Na visão do governo Lula, é algo indispensável para dotar o País, e o Sul Global, de independência econômica. “O Brasil vai impulsionar esse tema nos BRICS”, afirma o diplomata Antonio Freitas, subsecretário de Finanças Internacionais e Cooperação Econômica do Ministério da Fazenda, a propósito do comando rotativo que o País exercerá no bloco a partir de janeiro.

É um assunto tecnicamente complicado, um desafio, segundo um colaborador diplomático de Lula. A economia global é majoritariamente lastreada no dólar, anota. O “banco dos BRICS” e o “FMI dos BRICS” foram criados durante uma presidência brasileira, em 2014, mas não se deve esperar uma solução no próximo ano. É também uma questão política, teoriza o colaborador, dado o alinhamento do PIB e da mídia brasileiros aos interesses de Washington. “É um grande enfrenta-

mento ao dólar”, diz. “Os aparelhos ideológicos do neoliberalismo projetam uma ameaça ao poder dos EUA. Ainda se trata de um exagero, mais propaganda do que realidade. O bloco está muito distante de uma aliança ou pacto militar”, afirma Bruno Lima Rocha, professor de Relações Internacionais. “O instrumento de disputa de poder mundial é outro: o dólar.”

Um centenário *think tank* norte-americano sobre questões internacionais, o Conselho de Relações Exteriores, divulgou em 18 de outubro uma análise dos BRICS e apontou Lula como “grande defensor” de alternativa ao dólar. “É chegada a hora de avançar na criação de meios de pagamento alternativos para transações entre os nossos países. Não se trata de substituir as nossas moedas. Mas é preciso trabalhar para que a ordem multipolar que almejamos se reflita no sistema financeiro internacional. Essa discussão precisa ser enfrentada com seriedade, cautela e solidez técnica, mas não pode ser mais adiada”, declarou o brasileiro na quarta-feira 23, na reunião de cúpula dos BRICS.

Foi um discurso por videoconferência. Na véspera de viajar à Rússia, Lula havia sofrido um acidente em casa. Caíra para trás quando estava sentado em um banco e batera a cabeça. Teve de levar pontos. Os médicos recomendaram que não viajassem. Coube ao ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, representá-lo em

Reduzir a dependência da moeda dos EUA nas transações comerciais interessa a todos os integrantes



Linha de frente. Lula participou por videoconferência. Putin convidou Dilma Rousseff para continuar no comando do Banco dos BRICS

Kazan. É Vieira na primeira foto oficial dos BRICS em que não há só os quatro fundadores de 2009 (Brasil, Rússia, Índia e China) e a África do Sul (em 2011). Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia e Irã haviam sido convidados em 2023 a fazer parte. Argentina e Arábia Saudita também, mas o ultraliberal e americanófilo Javier Milei venceu a eleição presidencial argentina posteriormente e recusou o convite, enquanto os sauditas hesitam, pois não querem melindrar Tio Sam, aliado histórico.

Na conformação de 2024, os BRICS representam 33% das terras do globo, 36% da economia e 45% da população. Um desenho que se ampliará. Na próxima cúpula, no Brasil em 2025, podem comparecer mais 13 países, cuja adesão na condição de “parceiros”, categoria di-



ferente, sem os mesmos direitos dos integrantes plenos, foi aprovada na quarta-feira 23. Da África, Argélia, Nigéria e Uganda. Das Américas, Bolívia e Cuba. Da Ásia, Cazaquistão, Indonésia, Malásia, Tailândia, Vietnã e Uzbequistão. Da Europa, Bielorrússia e Turquia.

Segundo um diplomata brasileiro, os BRICS consolidaram a capacidade de atração de novos participantes, prova, prossegue, do acerto da política externa do governo Lula, que coloca os BRICS como uma das prioridades, e explicação para certa má vontade da turma de sempre.

Um editorial da terça-feira 21 de *O Globo* diz que o grupo dos BRICS é antiocidental e serve à China. A propósito, uma empresa brasileira de aviação civil, a Total, negocia há alguns meses com uma estatal chinesa, a Comaq, a compra de aviões de passageiros. É uma transação capaz de afetar a geopolítica da aviação civil, de acordo com o CEO da companhia, Paulo Almada, que foi à China em outubro. Esse mercado é dominado pela norte-americana Boeing e a europeia Airbus. O Brasil pode abrir as portas da América do Sul à Comac.

“Ignorar os BRICS como importante força política, algo que os EUA têm sido propensos a fazer no passado, não é mais uma opção”, escreveram acadêmicos da universidade Tufts, dos EUA, ligados a uma escola de estudos sobre temas globais. Na época do artigo, agosto de 2023, os BRICS preparavam-se para convidar novos participantes, enquanto um dos conselheiros de Joe Biden para segurança nacional, Jake Sullivan, declarava que a Casa Branca não via o grupo como rival geopolítico.

A Venezuela queria entrar nos BRICS. Seu presidente, Nicolás Maduro, foi de surpresa à Rússia na terça-feira 22. Em vão. Nas negociações anteriores à cúpula, o Brasil tinha sinalizado ser contra a adesão. O motivo é o estado atual da relação bilateral. A Venezuela saiu do isolamento político e externo com a ajuda do Brasil, fiador de um compromisso entre o governo e a oposição, o acordo de Barbados, relativo à eleição presidencial realizada em agosto passado. Até hoje não se conhecem as atas do pleito, divulgação pedida pelo Brasil. A Venezuela, segundo um diplomata, agora está muito autossuficiente e acha que não precisa de ninguém.

Lula recebeu uma ligação de Putin na terça-feira 22 e, segundo relatos obtidos pela reportagem, o telefonema não abordou a Venezuela em específico. O brasileiro teria feito um comentário genérico sobre por que os BRICS não podem aumen-



tar muito de tamanho. Putin era a favor da entrada da Venezuela. No mais, quis saber da saúde de Lula e lamentou a ausência do brasileiro em Kazan. Na cúpula, o presidente russo convidou Dilma Rousseff a seguir à frente do Novo Banco de Desenvolvimento, o “banco dos BRICS”. A instituição tem uma chefia que se alterna entre os fundadores do grupo a cada cinco anos. O primeiro a dirigi-la havia sido indicado pela Índia em 2015, o economista Kundapur Kamath. O segundo, pelo governo Bolsonaro, Marcos Troyjo, um diplomata. Com a volta de Lula ao poder, houve um acordo nos BRICS para permitir ao País trocar Troyjo sem mexer no mandato a vencer em 2025. Caberá aos russos apontarem outro nome para o posto, e Putin quer Dilma. Os demais fundadores do grupo precisam concordar.

No próximo ano, caberá ao Brasil a presidência rotativa dos BRICS

Bola fora. Maduro apareceu de “surpresa” em Kazan, mas não conseguiu garantir a adesão da Venezuela ao grupo

O banco tem atuado em linha com o objetivo dos BRICS de criar alternativas ao dólar e ao sistema financeiro controlado pelo Ocidente. O atual plano estratégico, válido até 2026, tem o financiamento ao setor privado como uma diretriz e, para cumpri-lo, prevê o uso de moeda local, ou seja, a divisa do país em que a empresa financiada estiver. O motivo é simples. O custo de empréstimos em dólar é afetado sempre que o Fed, o Banco Central dos EUA, mexe na taxa de juros. Impacto que pode ser direto, no juro do empréstimo, ou indireto, via câmbio. “É muito importante disponibilizar financiamento em moeda local através de plataformas específicas”, afirmou Dilma em reunião com Putin na terça-feira 22.

O NBD tem hoje uma carteira de empréstimos de 33 bilhões de dólares, direcionados a cerca de cem projetos. Dilma considera que o banco está ainda na “adolescência” e que seus eixos de ação mais importantes são três: financiamento em moeda local ao setor privado, apoio ao Sul Global e concessão de crédito focada em infraestrutura, industrialização e transferência de tecnologia. “Concordamos em, conjuntamente, tornar o Novo Banco de Desenvolvimento um novo tipo de MDB no século XXI”, diz a declaração final da cúpula dos BRICS. MDB é uma sigla em inglês para “Banco de Desenvolvimento Multilateral”.

O encontro foi usado por Putin para mostrar que seu país não está isolado internacionalmente. Quando assumir o bastão dos BRICS, o Brasil levará para o grupo a lista de temas apresentada durante o comando rotativo do G-20: combate à fome e à pobreza, enfrentamento da mudança climática, reforma da ONU e taxaçaõ global dos ricos. •

LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Economista, consultor editorial de *CartaCapital* e ex-presidente do Palmeiras. É autor, entre outras obras, de *Valor e Capitalismo* e *Os Antecedentes da Tormenta*



O Prêmio Nobel de 2024

► O poder da finança cairia bem nas incursões dos vencedores pelos labirintos do poder e do progresso

O Prêmio Nobel concedido a Daron Acemoglu, Simon Johnson e James Robinson consagrou o trabalho dos três economistas na identificação dos processos socioeconômicos que impulsionam o progresso das nações.

No livro *Poder e Progresso: Nossa Luta de Mil Anos por Tecnologia e Prosperidade*, Acemoglu e Johnson enfrentam as complexidades das relações entre progresso tecnológico e democracia.

“...As primeiras esperanças de democratização digital foram frustradas porque o mundo da tecnologia colocou seu esforço onde estão o dinheiro e o poder – com a censura do governo. É, portanto, um caminho específico – um caminho sorrateiro – escolhido pela comunidade de tecnologia que intensifica a coleta e a vigilância de dados.

Infelizmente, o caminho atual da mídia social alimentada por IA parece quase tão pernicioso para a democracia e os direitos humanos quanto a censura de cima para baixo na Internet. A parábola do clipe de papel é uma ferramenta favorita de cientistas da computação e filósofos para enfatizar os perigos que a IA superinteligente representará se seus objetivos não estiverem perfeitamente alinhados com os da humanidade.”

Acemoglu e Johnson adotam uma perspectiva institucionalista para observar as relações entre Poder e Progresso. Essa abordagem escapa dos determinis-

mos da economia dominante e busca acolhida nas ações coletivas cujos resultados nem sempre correspondem às intenções.

As redes sociais, dizem eles, prometidas como o espaço do movimento livre de ideias e as opiniões, transformaram-se num calabouço policialesco em que a crítica é substituída pela vigilância. A vigilância exige convicções esféricas, maciças, impenetráveis, perfeitas. A vigilância deve adquirir aquela solidez própria da turba enfurecida, disposta ao linchamento. Não se trata de compreender o outro, mas de vigiá-lo.

As incursões dos autores nos labirintos do Poder e do Progresso trouxeram-me à memória o economista norte-americano Thornstein Veblen, um dos pioneiros da abordagem institucionalista. Para Veblen, perspectivas que se desenhavam nos albores da economia industrial moderna despertaram a esperança do aumento do tempo livre desfrutado de forma enriquecedora por indivíduos autônomos.

Essa utopia foi desmentida pela evolução real das sociedades industriais e pós-industriais (como querem alguns). Ao observar o nascimento do capitalismo da grande empresa e do consumo de massa, Thornstein Veblen desafiou a sabedoria econômica convencional com a publicação do livro *A Teoria da Classe Ociosa*. Nessa obra clássica, Veblen ironizou as piedosas justificativas do enriquecimento obtido pelo exercício das virtudes da frugalidade e da poupança e apontou a diferenciação do consumo das classes abastadas e sua imitação pelas subalternas como um fator decisivo para o “progresso” das modernas sociedades industriais.

“Com exceção”, diz ele, “do instinto de autopreservação, a propensão à concorrência é provavelmente o

mais forte e persistente dos motivos econômicos. Numa comunidade industrial, isso se exprime na concorrência pecuniária, isto é, em alguma forma de consumo conspicuo. As tendências para o desperdício conspicuo estão, portanto, prontas a absorver qualquer aumento da eficiência ou aumento industrial da comunidade, depois de supridas as necessidades físicas mais elementares.”

John Commons acompanhou Thornstein Veblen. Ben Seligman, em seu monumental livro *Main Currents in Modern Economic Thought*, reconstrói as trajetórias de Commons e Veblen. Nas páginas de *Institutional Economics*, Commons desenvolve os conceitos de transação e de acordos sobre o futuro. Para tanto, a sociedade capitalista constrói espaços de ação coletiva, a busca de regras aceitáveis para o encaminhamento dos acordos.

Commons estabelece uma contradição entre os princípios da indústria e as regras que guiam os negócios. Os negócios são os negócios do dinheiro e das finanças. Há diferença entre a propriedade de um bem físico e os direitos sobre um valor monetário. As duas formas revelam características opostas do direito de propriedade. No caso dos bens físicos, há transferência concreta da propriedade. No caso dos valores financeiros, o intercâmbio não exige a transferência efetiva do bem, mas da propriedade incorpórea, dos direitos representados pelas dívidas monetárias.

Quando os mercados assumem a hegemonia econômica, começam a surgir os mercados especulativos e as formas monopolistas de propriedade na indústria e nas finanças.

Em 1927, John Maynard Keynes escreveu uma carta para Commons: “Parece não haver outro economista com o qual eu esteja em acordo mais genuíno”. •

redacao@cartacapital.com.br



Prenda a respiração

EUA Tudo é possível na mais indefinida, e decisiva, eleição presidencial de todos os tempos

POR CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

Em 5 de novembro, a maioria dos eleitores aptos a votar irá às urnas nos Estados Unidos sem nenhuma certeza de quem será o próximo presidente, quando o resultado será anunciado e quais as consequências da decisão, a depender do vencedor. Desta vez, nem o clichê do “olho eletrônico” é capaz de traduzir a dramática situação. Vários analistas políticos antevem uma longa batalha jurídica travada pelas partes nos estados “pêndulos”, aquelas sete unidades da federação que costumam decidir a disputa. Há quem tema até uma “guerra civil”. A diferen-



ça entre a democrata Kamala Harris e o republicano Donald Trump em diferentes pesquisas caiu ao mínimo nas últimas semanas, quando não evaporou. Na terça-feira 22, um levantamento nacional da Reuters/Ipsos dava à vice-presidente uma vantagem de 3 pontos sobre o ex: 46% a 43%. Outra sondagem, da reacionária e partidarizada Fox News, divulgada no dia 16, colocava o empresário à frente, 50% a 48%. Também na terça 22, uma análise da revista *Forbes* baseada na média das pesquisas apontou Harris na liderança por ínfimo 0,8 ponto porcentual e empate nos colégios eleitorais mais disputados.

Embora os especialistas tenham observado uma indiscutível vitória de Harris no único debate entre os candidatos, em 10 de setembro, a contenda assistida por quase 70 milhões de eleitores não se tornou um divisor de águas como muitos imaginavam. Os índices de preferência ou rejeição mantiveram-se constantes até o início de outubro e, desde então, Trump tem obtido pequenos, mas relevantes avanços nas sondagens, o que tornou as previsões ainda mais nebulosas. Os dois adversários intensificaram o número de entrevistas a veículos “inimigos”, na expectativa de convencer eleitores indecisos, e as viagens aos estados

Voto a voto. Harris busca o apoio da comunidade negra. Trump poderia ser colega de trabalho de Eduardo “Bananinha”

pêndulos, que ora apoiam os democratas, ora os republicanos: Arizona, Carolina do Norte, Geórgia, Michigan, Nevada, Pensilvânia e Wisconsin.

Em 2020, o atual presidente Joe Biden recebeu 7 milhões de votos a mais do que Trump, mas o que de fato garantiu a vitória foi a vantagem em seis desses sete estados. Pelo mesmo motivo, Hillary Clinton perdeu as eleições em 2016, ape-



Caça. Os imigrantes são um dos temas centrais da campanha, em razão das ameaças do candidato republicano

sar do grande apoio popular. A democrata recebeu 3 milhões de votos a mais que Trump, mas amealhou menos regiões decisivas do que o concorrente: apenas um dos sete campos de batalha.

Harris está, neste momento, entre Biden e Clinton. Segundo *The New York Times*, a ex-procuradora lidera em quatro dos sete estados, com margens apertadas, entre 1 e 3 pontos percentuais, na margem de erro. Na quinta-feira 17, durante um comício em Wisconsin, onde lidera por 49% a 48%, a democrata criticou o incansável esforço do adversário para reescrever a história do 6 de janeiro de

2021, a invasão do Capitólio, crime pelo qual Trump é investigado. Em um encontro com eleitores latinos indecisos na noite anterior, o ex-presidente classificou o ataque como o “dia do amor” e, claro, mentiu sem corar as bochechas. Ninguém havia sido morto, disparou, entre outras barbaridades. A afirmação deixou os espectadores no auditório espantados e repercutiu negativamente. “Sabemos que 6 de janeiro foi um dia trágico. Houve ataques a agentes da lei, 140 policiais ficaram feridos, alguns foram mortos. E o que Donald Trump disse ontem à noite sobre 6 de janeiro? Ele o chamou de ‘dia do amor’. Chega. Estamos prontos para virar a página”, atacou a adversária.

A sucessão de mentiras deslavadas e comportamentos erráticos de Trump tem deixado a equipe do republicano em alerta. Os democratas, por seu lado,

exploram a imagem de “instável” e de “ameaça ao país” do empresário, que tem oferecido de bandeja fartos argumentos aos adversários. Por mais que o hábito de improvisar durante os comícios seja uma marca pessoal, o ex-presidente tem se comportado de maneira mais estranha e vulgar do que o habitual. Na segunda-feira 14, na Pensilvânia, onde, segundo as pesquisas, ele está um ponto atrás de Harris, Trump trocou o discurso por uma longa lista de suas canções preferidas no Spotify. “Que tal fazermos um pouco de música? Vamos fazer disso um festival musical”, sugeriu aos apoiadores há horas à espera do comício. Dois espectadores desmaiaram, mas a sessão de música continuou por quase 40 minutos. Como um lunático, o republicano ensaiou um bailado “cringe” no púlpito ao som de *Ave Maria* e do Village People.

Dias depois, em entrevista à Fox News, Trump sugeriu a convocação de militares para lidar com o “o inimigo interno” no dia da eleição. “Acho que o maior problema é gente de dentro. Temos algumas pessoas muito más. Temos algumas pessoas doentes. Lunáticos radicais de esquerda. Acho que isso deveria ser facilmente resolvido, se necessário, pela Guarda Nacional ou, se realmente necessário, pelos militares, porque eles não podem deixar isso acontecer.”

Durante uma reunião com os doadores mais ricos, no fim de setembro, relatou *The New York Times*, Trump demonstrou insatisfação com as cifras arrecadadas. Harris recebeu 1 bilhão de dólares em menos de três meses como candidata, mais do que o adversário conseguiu no ano inteiro. O ex-presidente teria pressionado os grandes doadores a pingarem mais moedas no cofre. Funcionou,

A diferença entre Harris e Trump tem encurtado nas últimas semanas

em parte. Relatórios recentes mostram que Elon Musk desembolsou 75 milhões de dólares. Não só. O bilionário dono da rede X resolveu ultrapassar os limites mesmo para o padrão desregrado das eleições norte-americanas, onde a democracia tem preço e é bancada pelos ricos. Musk promete sortear 1 milhão de dólares entre eleitores que se registrarem para a votação nos estados-chave e assinarem uma petição em defesa de ideias compatíveis com as propostas de Trump. Outra grande doadora é a médica israelense-americana Miriam Adelson, com

100 milhões de dólares. Ainda assim, o republicano acha pouco. A pressão tem causado constrangimento entre os aliados.

Enquanto Trump se excede, Harris peca pela falta de carisma e espontaneidade. A candidata raramente foge do *script* nos comícios e nas entrevistas e a rigidez tornou-se um motivo de preocupação da campanha. Por conta da cintura dura da ex-procuradora, dois nomes influentes e populares do partido mergulharam na disputa em busca do voto dos indecisos. O ex-presidente Bill Clinton passou a acompanhar o candidato a vice-presidente Tim Walz, enquanto Barack Obama tem falado diretamente com os homens negros, faixa do eleitorado resistente em apoiar Harris. Durante evento na Pensilvânia, Obama classificou de “intolerável” o sexismo contra a candidata. “Ainda não vimos os mesmos tipos de energia e comprometimento em todos os bairros e comunidades como vimos quando eu estava concorrendo. Parte disso me faz pensar que, e estou falando diretamente com os homens, vocês simplesmente não estão sentindo a ideia de ter uma mulher como presidente, e estão apresentando outras alternativas e outras razões para isso. Você está inventando todo tipo de razão e desculpa. Eu tenho um problema com isso. Por um lado, você tem alguém que cresceu como você, te conhece, estudou com você na faculdade, entende as lutas, a dor e a alegria que vêm dessas experiências, mas você está pensando em ficar de fora ou apoiar alguém que tem um histórico de denegrir você, por que você acha que isso é um sinal de força? Por que isso é ser homem? Colocar as mulheres para baixo? Isso não é aceitável.”

Ao longo da corrida presidencial, Harris resistiu a falar sobre identidade racial. Os democratas dizem que a relutância tem a ver com a trajetória profissional da candidata no Ministério Público e sua recusa em usar a cor da pe-



Sem entusiasmo. Harris é vista com desconfiança pelos pares

le para galgar postos de comando. Muitos negros se ressentem, no entanto, da falta de conexão da vice-presidente com seus problemas e causas. O partido precisa desesperadamente que os negros compareçam em massa às urnas.

Outro grande calcanhar de aquiles está no Michigan, residência de uma importante comunidade árabe-americana, historicamente aliada dos democratas. No estado, Harris e Trump estão empatados: 48% a 48%. Por causa do apoio incondicional do governo Biden ao massacre cometido por Israel em Gaza, as entidades árabes e milhares de eleitores decidiram, desta feita, manter distância



Ruptura. O apoio cego a Israel custa caro aos democratas

TheObserver

ALGORITMO POLÍTICO

As big techs mergulham na campanha presidencial dos EUA

POR JOHN NAUGHTON*

Nos longínquos anos 1960, o poderoso slogan “o que é pessoal é político” captava a realidade da dinâmica de poder nos casamentos. Hoje, um slogan igualmente significativo poderia ser “o tecnológico é político”, para refletir a maneira como um pequeno número de corporações globais adquiriu influência nas democracias liberais. Se alguém duvidava, a recente aparição de Elon Musk ao lado de Donald Trump num comício na Pensilvânia ofereceu uma confirmação de que a tecnologia passou ao centro das atenções na política norte-americana.

Musk pode ser um homem

infantilizado com o péssimo hábito de tuitar, mas também é dono da empresa que fornece conectividade de internet para as tropas ucranianas no campo de batalha. E seu foco foi escolhido pela Nasa como o veículo que levará os próximos norte-americanos a pousar na Lua.

Houve um tempo em que a indústria tecnológica não estava muito interessada em política. Não precisava estar, pois, na época, a política não estava interessada nela. Consequentemente, Google, Facebook, Microsoft, Amazon e Apple cresceram até suas atuais proporções gigantescas num ambiente político no-

tavelmente permissivo. Quando os governos democráticos não estavam se deslumbrando com a tecnologia, estavam dormindo ao volante. E os reguladores antitruste tinham sido capturados pela doutrina legalista proposta por Robert Bork e seus facilitadores na Faculdade de Direito da Universidade de Chicago – a doutrina de que não havia muito problema na dominação corporativa, desde que não prejudicasse os consumidores. O teste do malefício era a imposição de preços e, como os serviços do Google e do Facebook eram “gratuitos”, onde estava o mal, exatamente? Embora os produtos da Amazon não fossem gratuitos, a empresa estava implacavelmente a reduzir os preços da concorrência e a atender à necessidade dos clientes de entrega no dia seguinte. Novamente, que mal havia?

Demorou um tempo inconcebível para que esse cochilo regulatório acabasse, mas, finalmente, acabou sob a supervisão de Joe Biden. Os reguladores dos Estados Unidos, liderados por Jonathan Kanter, no Departamento de Justiça, e Lina Khan, na Comissão Federal de Comércio, redescobriram seus poderes mágicos. Então, em agosto, o DOJ ganhou de forma dramática um processo antitruste, no qual o juiz decidiu que o Google era de fato um “monopolista” com medidas anticompetitivas para preservar sua participação de 90% nas buscas na internet. Agora, o DOJ propõe “remédios” para esse comportamento abusivo, dos óbvios, como proibir o Google de contratos como o que tem com a Apple para ser o mecanismo de buscas padrão em seus equipamentos, à opção “nuclear” de dividir a empresa.

da campanha. Desde fevereiro, a governadora Gretchen Whitmer, um dos nomes em ascensão na legenda, participa de encontros reservados com lideranças árabes e muçulmanas para amenizar os estragos políticos. Recentemente, Whitmer recebeu um grupo de colegas governadores, como Josh Shapiro, da Pensilvânia, em uma mobilização que visava convencer o maior número possível de indecisos. No sábado 19, a própria Harris, assim como Barack e Michelle Obama, esteve no Michigan e na Geórgia.

A menos de duas semanas das eleições, as duas campanhas testam as últimas estratégias. Os republicanos têm estimulado os eleitores do partido a vo-

A democrata enfrenta dificuldades para atrair o voto negro e árabe

tar antes, pelo correio, e assim reduzir os índices de abstenção em 5 de novembro. Quem ganhar leva? O candidato a vice-presidente de Trump, JD Vance, durante o único debate contra Walz, em 1º de setembro, garantiu que não apenas respeitaria o resultado das urnas caso não

fosse eleito, mas rezaria pelo sucesso da gestão Harris-Walz. Do lado democrata, a possibilidade de contestação é descartada em público. Será?

Caso todos os estados, à exceção dos pêndulos, votem como de praxe, Harris larga com 226 delegados no Colégio Eleitoral, que mais tarde homologa o vencedor, contra 219 de Trump. Os 93 votos restantes para se vencer dependem do eleitorado flutuante. Em caso de empate por 269-269, incomum, mas não improvável, a Câmara dos Representantes, o equivalente à Câmara dos Deputados no Brasil, escolheria o vencedor. Vantagem para Trump, pois os republicanos têm o maior número de parlamentares na Casa. •



Compra de votos. Musk vai sortear 1 milhão de dólares para eleitores trumpistas que se cadastrarem

O choque desse veredicto na indústria tecnológica foi palpável e levou alguns atores importantes do Vale do Silício a pensar que talvez eleger Donald Trump não fosse uma ideia tão ruim. Alguns dos falastrões, como Marc Andreessen – e, claro, Musk –, revelaram-se explicitamente a favor de Trump, mas ao menos outros 14 magnatas

da tecnologia têm dado apoio mais discreto. Embora um bom número de líderes da tecnologia tenha, tardiamente, saído a favor de Kamala Harris, alguns o fazem com reservas. Reid Hoffmann, fundador do LinkedIn, por exemplo, doou 10 milhões de dólares à campanha democrata, mas diz que espera que ela demita Khan da FTC.

A prova mais dramática de que o Vale do Silício perdeu a virgindade política, entretanto, vem das quantias extraordinárias que as empresas de criptomoedas têm investido na campanha eleitoral. A New Yorker relata que as empresas de criptomoedas aplicaram “mais de 100 milhões de dólares” nos chamados SuperPACS (comitês de ação

política), em apoio a candidatos amigos das criptomoedas. O interessante é que esse dinheiro não parece tanto ter o objetivo de influenciar quem ganhará a Presidência, mas garantir que os nomes “certos” sejam eleitos para a Câmara e o Senado. Isso sugere um nível de inteligência política que teria sido desprezado pelos pioneiros da tecnologia na década de 1960. A tecnologia talvez não fosse política naquela época, mas certamente é hoje.

**Professor de Compreensão Pública da Tecnologia na Open University.*

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Homens e ideias

TheObserver Yahya Sinwar não é o primeiro e talvez não seja o último líder do Hamas a ser eliminado por Israel

POR JASON BURKE

Israelenses e outros saudaram o assassinato de Yahya Sinwar, o líder do Hamas e mentor dos ataques a Israel em 7 de outubro do ano passado, como um “momento OsamabinLaden”. Isso reflete o que muitos em Israel pensam sobre a morte de um homem responsável pelo assassinato de 1,2 mil compatriotas, na maioria civis, mas especialistas em terrorismo há muito discutem se é eficaz eliminar os líderes de grupos extremistas violentos. Alguns sugerem que essa estratégia é contraproducente.

A verdade é que ninguém tem certeza.

Em alguns casos, a eliminação de um líder trouxe sucesso definitivo. Quando o Mossad matou Wadie Haddad, chefe de uma facção dissidente da Frente Popular para a Libertação da Palestina e responsável por uma série de ataques terroristas espetaculares na década de 1970, provavelmente com chocolates envenenados, seu grupo se desintegrou. Sequestros e bombardeios continuaram, mas foram realizados por outros.

Velupillai Prabhakaran, o líder dos Tigres de Libertação de Tamil Eelam, no Sri Lanka, morreu em 2009 numa escaramuça com forças do governo após uma campanha brutal com muitas vítimas civis, quase o mesmo número daquelas que morreram em Gaza. Isso encerrou decisivamente uma sangrenta guerra civil de décadas, com complexas raízes sociais, étnicas, religiosas e econômicas.

Assassinatos seletivos foram um pilar da estratégia dos Estados Unidos durante a “guerra ao terror” que se seguiu aos ataques de 11 de setembro de 2001, obra de Bin Laden e sua Al-Qaeda. O advento dos drones foi um dos motivos, mas a relutância cada vez maior a arriscar a vida de soldados ocidentais em combates teve o seu peso.

No Afeganistão, o assassinato de uma série de líderes do Talibã foi elogiado à época, mas não conseguiu alterar as circunstâncias, regionais e locais, que, em última análise, fortaleceram o movimento. “Caçar homens é um jogo difícil”, disse alegremente um brigadeiro britânico em Cabul em 2006. Também foi inútil. O Talibã foi prejudicado por suas perdas, sem dúvida, e alguns estudos mostram que suas capacidades sofreram, mas eles ainda conseguiram retomar o poder em 2021.

No Iraque, os Estados Unidos mataram sucessivos líderes de grupos jihadistas sunitas radicais. A eliminação, em 2006, de Abu Musab al-Zarqawi, o primeiro líder

A estratégia de “decapitar” lideranças em geral produz efeitos fugazes



proeminente da afiliada da Al-Qaeda, apenas abriu caminho para homens locais competentes e discretos se reforçarem. Esses também foram mortos, permitindo que o pouco conhecido, mas implacavelmente eficaz Abu Bakr al-Baghdadi assumisse o poder. Ele liderou o Estado Islâmico na região e, mais tarde, na Europa Ocidental. Al-Baghdadi foi morto em 2019 e os líderes do EI que o seguiram foram médios, quando permaneceram vivos. Acre-



dita-se que o atual chefe seja um pregador menor e líder de facção em uma parte remota da África Oriental. Então essa pode ser considerada uma vitória para aqueles que apoiam o assassinato como estratégia.

Depois, há o Hezbollah. Hassan Nasrallah tornou-se líder da organização sediada no Líbano em 1992, depois de seu antecessor ser morto por Israel, e então a dirigiu com habilidade e eficácia por 32 anos, evitando várias tentativas de as-

sassinato. No mês passado, Israel matou não apenas Nasrallah, mas todo o escalão de liderança. Essa combinação de “decapitação” e desgaste direto é virtualmente sem precedentes. Não é de surpreender que o Hezbollah esteja cambaleando.

Os Estados Unidos tiveram seu literal “momento Bin Laden” em 2011, quando o fundador e líder da Al-Qaeda foi localizado em um esconderijo no Paquistão e morto por forças especiais estadunidenses. Pos-

Mais um? Sinwar integra uma longa lista de “mártires” palestinos. No lugar das cabeças decepadas nascem outras, mais ou menos capazes

teriormente, sob Ayman al-Zawahiri, a Al-Qaeda desistiu de ataques internacionais e se entrincheirou em comunidades locais. Al-Zawahiri foi morto em 2022 e ainda não sabemos realmente quem é o atual líder da Al-Qaeda, mesmo porque não há ninguém com o perfil de um dos antecessores. O grupo ainda está por aí, embora não represente uma grande ameaça internacional no momento. Isso é menos verdadeiro para o EI, que tem ganhado terreno na África, está ativo no Afeganistão e continua a inspirar ataques em outros lugares.

Israel, é claro, matou muitos dos líderes e agentes mais capazes do Hamas nos últimos 20 anos. Cada morte forçou mudanças, mas raramente aquelas previstas. Se a história atribulada das estratégias de decapitação nos diz alguma coisa, é o fato de ser quase impossível prever qual será o efeito de matar um líder. Isso pode não importar para aqueles que ordenam os assassinatos ou para quem se alegra com as notícias de um assassinato bem-sucedido. Política e desejo totalmente compreensível de retribuição e justiça são fatores importantes.

Qualquer exultação em Israel ou em qualquer outro lugar pela morte de Sinwar deve ser, no entanto, temperada com uma consciência de que ninguém pode saber o que virá a seguir. Pode realmente ser o começo do fim da guerra em Gaza, como Benjamin Netanyahu sugeriu. Mas a história desses assassinatos indica que, no longo prazo, qualquer vitória decisiva permanecerá fugaz. •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

O futuro do público

AUDIOVISUAL O investimento na produção infantojuvenil passa a ser defendido como uma saída para a crise do cinema brasileiro

POR ANA PAULA SOUSA

Na quinta-feira 17, quase mil crianças – 522 delas da rede municipal de ensino – participaram da abertura da 1ª Mostra, na Sala São Paulo, no bairro da Luz, região central da cidade. Elas chegaram em ônibus fretados, comeram pipoca, assistiram à animação *Arca de Noé* e conversaram com Sérgio Machado, diretor do filme, e com os atores Rodrigo Santoro e Alice Braga, dubladores de dois dos ratinhos protagonistas.

Se, em sua 49ª edição, a Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, um dos maiores eventos audiovisuais da América Latina, apresenta uma seleção especial de produções infantojuvenis é porque, como diz Renata Almeida, diretora do evento, cinema é hábito. E hábitos, sabemos, enraízam-se cedo.

“Não podemos falar em formação de público sem olhar para a infância e a adolescência. Quem não vê um filme brasileiro, ou de outras nacionalidades além da norte-americana, nessa fase da vida, vai ver quando for adulto?”, pergunta Renata.

Tal pergunta ganha especial relevância no contexto pós-2019, marcado pela pandemia, que manteve o circuito de exibição fechado, e pelo lançamento dos serviços de *streaming* dos estúdios hollywoodianos. Embora, desde então, também o cinema estrangeiro tenha vivido uma grande queda de público, o ritmo de sua recu-

peração é incomparável ao do brasileiro.

De acordo com a Agência Nacional do Cinema (Ancine), enquanto a bilheteria dos filmes estrangeiros – notadamente, a dos *blockbusters* – foi, em 2023, 28,6% menor do que em 2019, a dos longas-metragens brasileiros foi 84,6% menor. Cabe observar que, até agora, os dois títulos mais vistos do ano foram animações: *Divertidamente 2*, com 22 milhões de espectadores, e *Meu Malvado Favorito 4*, com 7,7 milhões.

Não à toa, em meio às reflexões do setor sobre as razões e soluções para esta crise de público, começa a surgir, aqui e ali, um olhar para a produção infantil.

Fabiano Gullane, produtor de *Arca de Noé*, afirma, um pouco para os outros, um pouco para si, que esta é uma questão que diz respeito a todo o cinema brasileiro: “Nós, que realizamos filmes, temos de estar ligados na importância de nos dedicarmos a obras voltadas às gerações mais

novas. Não estamos dando a devida atenção a esse mercado e, sem ele, quem vai ver nossos filmes daqui a 20 anos?”

Durante a entrevista, o produtor recordou-se, por exemplo, do quanto *Os Saltimbanco Trapalhões* (1981) o marcou. E contou também que *Arca de Noé*, vendido para 69 países – uma das maiores vendas internacionais de um filme brasileiro –, foi feito para competir com os infantis em língua inglesa.

Rosane Svartman, uma das criadoras de *Malhação* (1995-2020) e diretora de *Pluft, o Fantasminha* (2022), faz eco à fala de Gullane, observando que o próprio mercado tende a colocar a produção infantil num escaninho de menos prestígio – e, por consequência, de menos recursos.

“O conteúdo infantojuvenil é visto como menos nobre, menos sofisticado. Existem menos oportunidades de produção e menos possibilidades de exibição. Eu, realmente, me pergunto por que é assim”, diz ela. “Deveria ser o contrário, porque esse cinema é a porta de entrada para as histórias brasileiras, e faz parte da reconstrução da cultura de ir ao cinema.”

Desde a pandemia, levar o público para ver filmes infantis brasileiros também se tornou mais difícil. A Imagem, a mesma distribuidora que colocará *Arca de Noé* nos cinemas, em 7 de novembro, lançou, na quinta-feira 17, *Perfekta – Uma Aventura da Escola de Gênios*, baseado na série do

“Não damos a devida atenção a esse mercado. Quem vai ver nossos filmes daqui a 20 anos?”, pergunta Gullane



Telona. A Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, que está na 49ª edição, realizou este ano a 1ª Mostrinha, que, na abertura, levou quase mil crianças à Sala São Paulo, na Luz, para ver a animação *Arca de Noé* (abaixo), que entra em cartaz dia 7 de novembro





Gloob. O filme fez apenas 15.824 espectadores no fim de semana de estreia.

Antes, a transposição de produtos televisivos para o cinema era uma fórmula que tendia a dar certo. Na primeira década dos anos 2000, os dois filmes derivados da novela *Carrossel* (2015 e 2016) venderam 2,5 milhões de ingressos cada um, e os de *D.P.A. – Detetives do Prédio Azul* (2017 e 2019), mais de 1 milhão. Outro sucesso dessa década foi *Turma da Mônica – Laços* (2019), baseado nos quadrinhos de Mauricio de Sousa. Tampouco se pode esquecer, nessa década, *O Menino e o Mundo* (2103), de Alê Abreu, vendido para mais de 80 países.

A partir de 2020, no entanto, nem *D.P.A. 3 – Uma Aventura do Fim do Mundo* nem *Turma da Mônica – Lições* conseguiram manter o desempenho anterior. Refletindo a mudança no hábito e na forma de se consumir filmes, ambos ficaram abaixo do 1 milhão de ingressos. Ao mesmo tempo, chama atenção o fato de, em 2022, três das dez maiores bilheteiras do cinema brasileiro terem sido de produções para crianças: *D.P.A., Turma da Mônica* e *Pluft, o Fantasminha*.

O sucesso, diga-se, marcou em vários momentos a história do cinema infantojuvenil brasileiro. Aos dois primeiros longas-metragens infantis do País, *Sinfonia Amazônica* (1952) e *O Saci* (1953), se seguiu, na década seguinte, um fenômeno que marcaria esse segmento: Os Trapalhões.

Como escreve o pesquisador João Batista de Melo no livro *Lanterna Mágica: Infância e Cinema Infantil*, os filmes protagonizados por Didi, Dedé, Mussum e Zacarias lideraram as bilheteiras do País pelas duas décadas seguintes, tendo gerado mais de 40 títulos.

O Trapalhão nas Minas do Rei Salomão (1977) ainda ocupa o décimo lugar no ranking dos filmes brasileiros mais

vistos e, como notou o pesquisador, dos cem primeiros filmes da lista de maiores bilheteiras da Ancine, 35 são infantis. Os Trapalhões foram sucedidos, na década de 1990 e início dos anos 2000, pelas produções da Xuxa.

Mas, mesmo sob o reinado da Xuxa, houve brechas para outros experimentos estéticos, como *Tainá: Uma Aventura na Amazônia* (2000) e *Castelo Rá-Tim-Bum* (1999). Cao Hamburger, que apresentou, na 1ª Mostrinha, uma sessão comemorativa dos 25 anos de *Castelo Rá-Tim-Bum*, na Cinemateca Brasileira, diz que, ao olhar para trás no tempo, vê um cenário absolutamente diverso.

“Lembro que, quando íamos lançar o *Castelo*, tinha muito filme infantil estreando. Um deles era *Pokémon*. E tinha também muito produto para criança na tevê, algo que não tem mais”, diz o cineasta. “O cenário mudou da água para o vinho. A TV Cultura, naquele momento, teve um papel importante. E, quando pensamos na tevê aberta, temos de lembrar da lei que regulou a publicidade de produtos infantis.”

Outra fase teria início com a Lei

Está em fase de regulamentação uma lei que prevê o acesso a filmes brasileiros nas escolas



12.485, de 2011, que estabeleceu cotas de conteúdo brasileiro na televisão por assinatura e ampliou os recursos disponíveis para a produção. A tevê paga abrigou programas que acabaram por chegar também aos cinemas, como *Peixonauta* (2018) e *Meu Amigãozão* (2022).

Beth Carmona, que dirigiu a TV Cultura no auge da programação infantil do canal e organiza o festival ComKids, sempre diz: não se pode falar do mercado infantojuvenil sem se levar em conta a televisão.

Mas tampouco se pode pensar no desenvolvimento sistemático desse mercado, como repete, há alguns anos, Luíza Lins, sem políticas públicas específicas. “Ao olhar para a política pública, vemos que tivemos muito pouco. O cinema infantil, até hoje, não foi encarado como algo estratégico”, diz a criadora da tradicional Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis, que se encerrou no sábado 19.

Karen Castanho, sócia da Biônica, que produz os filmes da Turma da Mônica, também defende apoios específicos. Ela lembra, inclusive, que a produção infantojuvenil tem limitações ligadas à inserção de marcas – devido à re-

História. *Turma da Mônica – Lições* foi o filme mais visto de 2022. Os Trapalhões reinaram por anos nas bilheteiras. Luíza Lins (abaixo) diz que nunca houve políticas específicas para o segmento



gulação da publicidade para esse público – e, no caso de *live action*, ao tempo em que uma criança pode trabalhar no *set*, limitado a seis horas.

“Isso significa que, no roteiro, preciso prever a utilização das horas restantes em uma diária pelo elenco adulto. E, de qualquer maneira, sempre vou precisar de mais tempo para rodar um filme infantil que um filme adulto”, detalha. Além disso, observa Karen, é fundamental que uma produção infantil, primeiro, “não subestime o gosto da criança” e, depois, “tenha um acabamento e um roteiro que levem em conta o adulto que estará com ela”.

Karen, quanto instada a falar sobre o que os dois primeiros filmes da Turma da Mônica – o próximo, *Chico Bento*, estreia em janeiro de 2025 – significaram para a produtora, diz: “Eles nos deram a oportunidade de falar com um público amplo, sem ser por meio de uma comédia, e de trabalhar com a formação de público. Somos uma produtora que vive de cinema, então dependemos disso”.

Luíza Lins, ao longo dos 23 anos de Mostra, sempre sentiu que, embora desperte alguma simpatia, esse tema nunca é de fato abraçado pelo setor audiovisual. “Acho que ainda existe uma visão de que o cinema infantil é uma coisa menor. Mas hoje todos sabemos que o Brasil tem muita produção que não chega nunca ao público”, pondera. “Esse público precisa ser formado, e isso só vai acontecer se houver um trabalho conjunto com a educação.”

Ao começar a fazer o evento, ela entendeu que não bastava promover sessões gratuitas: era preciso mobilizar os professores das escolas, e oferecer ônibus. Luíza lembra que está em fase de regulamentação, no País, a Lei nº 13.006/2014, que prevê que as crianças tenham acesso, na escola, a duas horas de cinema brasileiro por mês. Sua efetivação, no entanto, também dependerá da formação de professores.

O caminho é longo. Mas, ao menos, parece haver gente disposta a trilhá-lo. •



Nós, robôs

TheObserver O cientista da computação norte-americano Ray Kurzweil prevê que, até 2045, a tecnologia terá expandido a inteligência humana em 1 milhão de vezes

A ZOË CORBYN

O cientista da computação norte-americano e tecnô-otimista Ray Kurzweil é uma antiga autoridade em Inteligência Artificial (IA). Seu best seller *A Singularidade Está Próxima*, de 2005, atçou a imaginação com suas previsões de ficção científica de que os computadores atingiriam a inteligência de nível humano em 2029 e que, por volta de 2045, nos fundiríamos com os computadores, tornando-nos “super-humanos”. Ele chamou isso de “singularidade”. Passadas duas décadas, Kurzweil, de 76



anos, lançou uma sequência, *A Singularidade Está Mais Próxima: A Fusão do Ser Humano com o Poder da Inteligência Artificial*, e algumas de suas previsões não parecem mais tão malucas. Kurzweil, que trabalha como diretor de pesquisa e visionário de IA no Google, falou ao **Observer** sobre sua atuação como autor, inventor e futurista.

The Observer: Por que escrever este livro?

Ray Kurzweil: *A Singularidade Está Próxima* falava sobre o futuro, mas, 20 anos atrás, quando as pessoas não sa-

Futurista. O autor descreve nanobots que entrarão em nosso cérebro de forma não invasiva, por meio de vasos capilares

biam o que era Inteligência Artificial. Agora que a IA domina a discussão, é hora de dar uma nova olhada no progresso que tivemos e nos avanços que virão.

TO: Suas projeções para 2029 e 2045 não mudaram...

RK: Me mantive coerente. A inteligência de nível humano é a IA que atingiu a capacidade dos humanos mais preparados em um campo específico, e até 2029 isto será alcançado na maioria dos aspectos. Poderá haver, após 2029, alguns anos de transição até que a IA supere os melhores humanos em certas capacidades, como escrever roteiros vencedores do Oscar ou gerar conceitos filosóficos profundos. AGI significa uma IA capaz de fazer tudo o que qualquer humano consegue fazer, mas em um nível superior. A AGI parece mais difícil, mas minha estimativa

de cinco anos é, na verdade, conservadora.

TO: O que falta hoje para levar a IA aonde o senhor prevê que ela estará em 2029?

RK: Uma coisa é mais poder computacional. Isso permitirá melhorias na memória contextual, raciocínio de senso comum e interação social – áreas em que as deficiências permanecem. Então precisamos de melhores algoritmos e mais dados para responder a mais perguntas. Em 2029, certamente, as alucinações dos LLMs (quando eles criam respostas sem sentido ou imprecisas) se tornarão muito menos problemáticas. O problema ocorre porque eles não têm a resposta, e não sabem disso. À medida que ficar mais inteligente, a IA será capaz de entender o seu próprio conhecimento com mais precisão e relatar com exatidão aos humanos quando não souber.

TO: O que é exatamente a Singularidade?

RK: Hoje, temos um tamanho de cérebro além do qual não podemos ir para ficarmos mais inteligentes. Mas a nuvem tem se tornado mais inteligente e tem crescido sem limites. A Singularidade, que é uma metáfora emprestada da física, ocorrerá quando fundirmos nosso cérebro à nuvem. Seremos uma combinação de nossa inteligência natural com a nossa inteligência cibernética. Haverá interfaces cérebro-computador que, em última instância, serão nanobots – robôs do tamanho de moléculas – que entrarão de forma não invasiva em nossos cérebros por meio dos vasos capilares. Expandiremos a inteligência 1 milhão de vezes até 2045, e isso aprofundará nossa percepção e consciência.

TO: É difícil imaginar como seria isso, mas não parece muito atraente...

RK: Pense como se tivesse o celular no seu cérebro. Se você fizer uma pergunta, o cérebro poderá ir até a nuvem em busca de uma resposta, de modo semelhante ao que você faz com o celular ho-



A SINGULARIDADE ESTÁ MAIS PRÓXIMA: A FUSÃO DO SER HUMANO COM O PODER DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Ray Kurzweil. Tradução: Renato Marques. Goya/Aleph (400 págs., 99,90 reais)

je. Só que será instantâneo, não haverá problemas de entrada ou saída, e você não perceberá que foi feito.

TO: E quanto ao risco existencial dos sistemas avançados de IA – que eles poderiam adquirir poderes imprevistos e prejudicar seriamente a humanidade?

RK: Tenho um capítulo sobre riscos. Estou envolvido na tentativa de encontrar a melhor maneira de seguir em frente e ajudei a desenvolver os Princípios de IA Asilomar (um conjunto de diretrizes para o desenvolvimento responsável da IA). Precisamos estar cientes do potencial da IA e monitorar o que ela está fazendo. Mas, simplesmente, ser contra não é sensato: as vantagens são muito profundas.

TO: O senhor afirma que o teste de Turing, no qual uma IA pode comunicar-se por texto sem diferença de um humano, será provado até 2029. Mas para isso a IA precisará ser emburrecida. Como assim?

RK: Os seres humanos não são tão precisos e não sabem muitas coisas! Você pode perguntar a um LLM especificamente sobre qualquer teoria em qualquer campo, e ele responderá de forma muito inteligente. Mas quem poderia fazer isso? Se um humano respondesse assim, você saberia tratar-se de uma máquina. O propósito de emburrecê-la deve-se ao fato de o teste tentar imitar um humano.

TO: Nem todo mundo, provavelmente, terá condições de pagar pela tecnologia do futuro que o senhor imagina. A desigualdade tecnológica o preocupa?

RK: Ser rico permite que você tenha acesso a essas tecnologias em um ponto inicial, num momento em que elas não funcionam muito bem. Quando eram novidade, os celulares eram muito caros e faziam um péssimo trabalho. Hoje são muito acessíveis e extremamente úteis. Com a IA vai ser a mesma coisa.

TO: O livro analisa em detalhes o potencial de destruição de empregos da IA. Devemos nos preocupar?

RK: Sim e não. Certos tipos de emprego



serão automatizados, e as pessoas serão afetadas. Mas novas capacidades também criam novos empregos. Um trabalho como “influenciador de rede social” não tinha sentido dez anos atrás. A renda básica universal começará na década de 2030, o que ajudará a amortecer os danos aos empregos.

TO: Há outras maneiras alarmantes, além da perda de empregos, de como a IA poderá transformar o mundo: espalhando desinformação, causando danos por meio de algoritmos tendenciosos e sobrecarregando a vigilância. O senhor não se detém muito sobre esses aspectos...

RK: Temos de trabalhar em certos tipos de problemas. Temos uma eleição chegando, e os vídeos *deepfake* são uma preocupação. Em questões de preconceito, a IA está aprendendo com os hu-

“Na década de 2030, cada ano de vida que perdermos com o envelhecimento, o progresso científico poderá recuperar”

Tecno-otimista. Ray Kurzweil, de 76 anos, é diretor de pesquisas do Google e tornou-se um autor *best seller* em 2005, ao prever o futuro da Inteligência Artificial

manos, e os humanos têm preconceitos. Estamos progredindo, mas não estamos aonde queremos estar. Também há questões em torno do uso justo de dados pela IA que precisam ser resolvidas por meio de processos jurídicos.

TO: Muitas pessoas serão céticas em relação às suas previsões sobre a imortalidade física e digital. O senhor prevê que, na década de 2030, haverá nanobots médicos que poderão entrar em nossos corpos e realizar reparos.

RK: Tudo está progredindo exponencialmente: não apenas o poder da computação, mas a nossa compreensão da biologia e nossa capacidade de engenharia em escalas muito menores. No início da década de 2030, cada ano de vida que perdermos com o envelhecimento, o progresso científico poderá recuperar. Não é uma garantia de viver para sempre – ainda há acidentes –, mas a probabilidade de morrer não aumentará ano a ano.

TO: Qual é o seu plano para a imortalidade?

RK: Meu primeiro plano é permanecer vivo, portanto, atingir a velocidade de escape da longevidade. Tomo cerca de 80 comprimidos por dia para ajudar a me manter saudável. O congelamento criogênico é o plano alternativo. Também pretendo criar um replicante de mim mesmo (um avatar de IA na vida após a morte), que é uma opção que acho que todos teremos no fim dos anos 2020.

TO: O que deveríamos fazer agora para nos preparar melhor para o futuro?

RK: O futuro não será nós *versus* a IA: a IA está indo para dentro de nós. Ela nos permitirá criar coisas que antes não eram viáveis. •

Tradução: Luiz Roberto M. Gonçalves.

Quando o corpo assume a narrativa

LIVRO A ESCRITORA ARGENTINA CLAUDIA PIÑEIRO PARTE DA DOENÇA DE PARKINSON PARA CONSTRUIR UM ROMANCE SOBRE A MORALIDADE CRISTÃ E OS COMPLEXOS LAÇOS A UNIR MÃE E FILHA

POR GIOVANA PROENÇA

Elena sabe que a Doença de Parkinson já domina o seu corpo. Sabe também que assassinaram sua única filha, Rita. Ao leitor do romance da argentina Claudia Piñeiro cabe seguir o rastro de Elena, que vai a Buenos Aires em busca de respostas sobre a morte de Rita. Sua última esperança é uma mulher que, ela acredita, mal a reconhecerá – Isabel, personagem que carrega o suspense da trama.

A narrativa começa com um passo. Elena ensaia esse pequeno gesto, descrito em minúcias: levantar um pé, movê-lo, fazê-lo descer e repetir o processo com o outro par. O corpo assume a narrativa, cuja temporalidade é dividida pe-

lo intervalo dos comprimidos de Levodopa, remédio usado no tratamento do Parkinson. Mais que nunca, ela precisa que a droga seja eficaz. Elena dará muitos passos naquele dia.

O projeto literário de Claudia Piñeiro, que também é roteirista e dramaturga, aparece em sua melhor forma em *Elena Sabe*. Somos apresentados a um ambiente marcado pela moralidade cristã – por ironia, Rita, que trabalha no colégio paroquial, acaba enforcada no campanário da igreja. A filha de Elena, por hábito e convicção, desviava de uma certa calçada, na qual uma parteira realiza abortos clandestinos.

A relação entre mãe e filha dá vivacida-



ELENA SABE

Claudia Piñeiro. Tradução: Elisa Menezes. Morro Branco (157 págs., 59,90 reais)

de ao romance. Claudia cria uma dinâmica que foge ao sentimentalismo, e aproxima-se de um vínculo turbulento, como observamos em *Afetos Ferozes* (1987), da estadunidense Vivian Gornick, ou nos inquietantes laços que unem as mães e as filhas na ficção da italiana Elena Ferrante.

Elena e Rita parecem, cada vez mais, presas não apenas uma à outra, mas a essa doença invasora que, violentamente, toma o corpo da mãe. Sua imagem causa repulsa à filha. Por outro lado, para Elena, Rita é uma mulher disfuncional.

O corpo feminino é sempre alvo de especulações. A patrulha vai dos olhares curiosos que Elena atrai no trem até um exame invasivo realizado para saber se Rita tem, de fato, um útero. Mais adiante, a temática do aborto aparece, fugindo do óbvio – e quebrando com as expectativas do leitor.

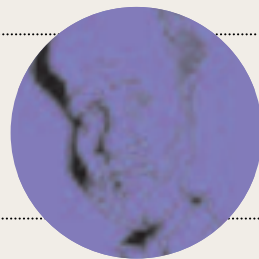
O romance de Claudia Piñeiro não é um suspense policial clássico. O gênero, aqui, aparece de forma cômica, quase uma paródia. O fascínio está no caminho meticuloso de Elena, na narrativa dominada pela enfermidade e em sua linguagem, um fluxo pujante de palavras e vírgulas. A quem pertence o controle de um corpo? Elena sabe, e o leitor também saberá. •



Projeto. Claudia parece dialogar com as ficções de Vivian Gornick e Elena Ferrante

AFONSINHO

Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos



O futebol imparável

► **Real Madrid e Manchester City chegam a jogar 70 partidas por temporada. Trata-se, sem dúvida, de uma condição desumana**

Chegamos à fase decisiva do calendário do futebol brasileiro. A Copa do Brasil tem seus finalistas, Flamengo e Atlético Mineiro, e as demais disputas apresentam os caminhos estreitados tanto para quem sobe quanto para quem desce e se aproximam do desfecho para os que disputam os títulos de campeões.

O Flamengo conseguiu ir às finais mesmo tendo, por um longo tempo, um jogador a menos que o Corinthians em campo. Como a partida foi em São Paulo, isso causou uma “bronca” bem maior entre os torcedores do time paulista.

Da mesma forma, jogando no Rio de Janeiro, no campo do Vasco da Gama, o Galo mineiro soube fazer valer a presença do gigante Hulk, com um golão no fim do jogo, garantindo assim a classificação para as finais. Agora é com eles.

Mundo afora, a novidade é o retorno de Neymar, que jogou num clássico árabe. Na segunda-feira 21, o atacante entrou em campo aos 31 minutos do segundo tempo da partida entre Al-Hilal e Al-Ain, pela terceira rodada da Champions League asiática.

Esta foi a primeira vez que o craque brasileiro pisou no gramado desde que rompeu o ligamento do joelho esquerdo no confronto entre Brasil e Uruguai, em setembro de 2023.

Naturalmente, a partir disso, começa-

ram as especulações sobre sua convocação para a Seleção Brasileira.

Me parece que, estando ele em boa forma, será presença indiscutível.

Mas esta é uma situação que, certamente, o técnico Dorival Jr. saberá resolver: não será um problema, de forma alguma, se Neymar acabar de se recuperar em seu clube e voltar para a Seleção na hora certa.

E, por falar em Seleção, este ano teremos ainda uma data Fifa: serão dois jogos em novembro. A depender desses resultados, a Seleção poderá terminar o ano em boa situação nas Eliminatórias, sempre sabendo que não existe jogo ganho de véspera.

O próximo confronto do Brasil está marcado para 14 de novembro, contra a Venezuela, no Estádio Monumental de Maturín, pela 11ª rodada das Eliminatórias da Copa do Mundo.



Ancelotti. O técnico tem criticado a Fifa

A Fifa, por sua vez, segue às voltas com o problema do calendário e suas diversas implicações. Este é o assunto mais importante no mundo do futebol depois das declarações – já aqui citadas – do técnico Carlo Ancelotti e do jogador Rodri propondo greve de protesto por parte dos atletas. Ambos foram seguidos por Kevin de Bruyne, atualmente no Manchester City, que afirmou: “Eles não se importam, o dinheiro fala”.

Quem também se manifestou foi David Terrier, presidente da Federação Internacional dos Jogadores Profissionais da Europa (FIFPro): “As vozes dos jogadores não serão ignoradas”.

A European League, que congrega 33 países de toda a Europa – exceção feita à La Liga espanhola, que não faz parte, mas que se juntou nesse pleito –, entregou representação junto à Comissão da União Europeia por conta da “imposição de decisões no calendário internacional” e “abuso de poder”.

A Fifa, do alto de sua prepotência, além de fazer a ridícula alegação de que organiza apenas 1% do calendário do futebol no mundo, soltou a seguinte pérola arrogante: “Quem não quiser jogar, não joga”.

Os responsáveis pelos protestos em defesa dos profissionais do esporte, em suas queixas conjuntas, têm apontado algumas das consequências desses excessos: fadiga, lesões e desgaste mental.

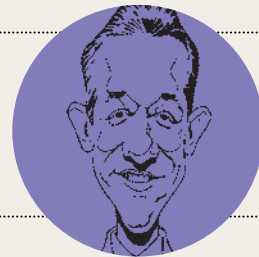
O Real Madrid e o Manchester City são apresentados como clubes que fazem até 70 partidas por temporada. Trata-se, sem dúvida, de uma condição desumana.

A União Europeia já se manifestou reprovando as iniciativas absolutistas da Fifa, que se apressa em fazer “os arranjos” que lhe permitam seguir explorando brutalmente o esporte. •

redacao@cartacapital.com.br

ARTHUR CHIORO

Médico sanitaria e professor da Escola Paulista de Medicina (Unifesp). Foi ministro da Saúde. É presidente da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (MEC)



O poder de compra do SUS

► O investimento na produção de insumos para a saúde reduz a dependência econômica do País e amplia o acesso da população a remédios e tratamentos

No Brasil, a saúde representa 10% do Produto Interno Bruto (PIB), gera 20 milhões de empregos diretos e indiretos e responde por um terço das pesquisas científicas.

O SUS, o maior sistema universal de saúde do planeta, constitui-se em um imenso mercado e o poder de compra público, se bem utilizado, pode ser instrumento de soberania nacional e de crescimento desse setor na economia, além de garantir mais acesso da população à saúde.

Para tanto, é necessário desenvolver e fortalecer o Complexo Econômico e Industrial da Saúde (Ceis) como uma política de Estado. Como forma de viabilizá-lo, o governo federal vem investindo na reconstrução do Grupo Executivo do Complexo Econômico-Industrial da Saúde (Geceis) e em medidas que valorizem o poder de compra pública do SUS.

Na reunião do Geceis, no dia 15 de outubro, em Brasília, o governo federal anunciou três medidas para estimular o uso estratégico do poder de compra do Estado, fomentar a indústria nacional e alavancar políticas prioritárias do SUS.

A primeira delas, muito significativa, anunciada pela Ministra da Saúde, Nísia Trindade, é o investimento da ordem de 4,2 bilhões de reais, oriundos do

novo Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), para ampliar e modernizar laboratórios públicos e Instituições de Ciência e Tecnologia.

Esses recursos são fruto de 42 projetos selecionados pelo Ministério da Saúde e beneficiarão 16 instituições, tais como o Butantan, Fiocruz, Bahiafarma, Lafepe, Ipen, Hemocentro Ribeirão Preto, e diversas universidades públicas estaduais e federais, como a Unesp, UFPE, UFJF e a UEPB.

Entre as propostas aprovadas estão aquelas que visam ampliar a produção de insumos fundamentais para diminuir nossa dependência e ampliar o acesso dos pacientes ao SUS, entre as quais se destacam as terapias avançadas, vacinas, soros e medicamentos para doenças e populações negligenciadas, produtos oncológicos, imunossuppressores, anticorpos monoclonais, radiofármacos e dispositivos médicos.

Com tal medida, pretende-se impulsionar a inovação, a produção nacional e garantir o acesso a medicamentos e tratamentos. Entre 2023 e 2027, os investimentos do PAC para o Ceis serão da ordem de 8,9 bilhões de reais.

A segunda medida indica a definitiva retomada das Parcerias de Desenvolvimento Produtivo (PDP), que quase foram inviabilizadas no governo anterior. O governo federal recebeu 322 propostas, sendo 147 de PDP e 175 do Programa de Desenvolvimento e Inovação Local (PDIL).

Tais propostas, formuladas por 67 instituições proponentes e 168 parceiras, foram dispostas em duas plataformas, uma voltada à preparação do SUS para emergências sanitárias e outra para doenças e agravos críticos para o SUS.

A terceira, de impacto mais imediato, foi a resolução anunciada pela ministra Esther Dweck, do Ministério da Gestão e

da Inovação em Serviços Públicos (MGI). Trata-se de uma nova política para utilização da margem de preferência de 5% no caso de compras públicas com recursos do governo federal para medicamentos fabricados no Brasil. A medida vale tanto para o Ministério da Saúde quanto para estados e municípios.

A margem de preferência poderá chegar a 15% no total, se acumulada uma margem adicional de mais 10% caso o Insumo Farmacêutico Ativo (IFA) também seja produzido no País.

Espera-se que a aplicação das margens de preferência impulse a inovação e o desenvolvimento da indústria nacional, propiciando maior competitividade para empresas que assumirem o risco de investir no desenvolvimento de IFA no Brasil.

Vale destacar que importamos mais de 90% do IFA. A meta é reverter esse quadro e atingir a média de 70% de produção local no setor em dez anos.

Essas medidas poderão produzir um novo e virtuoso ciclo de investimentos, pesquisas e inovação e, ainda, fortalecer o parque fabril de medicamentos, com impactos significativos na geração de empregos qualificados, ampliação de receitas e a reversão da balança comercial, altamente deficitária na saúde.

Propiciarão, ainda, a diminuição de preços e a ampliação da oferta de medicamentos para a população, medidas que farão a diferença.

Reconhecer a saúde como parte integrante dos processos de desenvolvimento econômico e social, pelo seu grande potencial de geração de emprego e renda, além de ser um fator para afirmação da soberania e da autonomia do País, é fundamental para ampliar o acesso dos brasileiros a uma saúde integral e de qualidade. •

redacao@cartacapital.com.br



Diálogos
Capitais

PROJETO DE BRASIL

Ideias para o futuro do País

CartaCapital completa 30 anos
e promove um ciclo de debates
fundamentais para o futuro do Brasil.

Após discussões sobre reindustrialização sustentável, exportações
e integração nacional, o terceiro e último painel desta série acontece
em **29 de novembro**. Nessa rodada, os debates focarão em dois
eixos estratégicos para o desenvolvimento do Brasil: o investimento
e ambiente de negócios e o futuro do trabalho em nosso país.

Apresentação



Fernando Haddad

Mesa 1

Reforma, ambiente de negócios
e atração de investimentos

Convidados:



**José Velloso
Dias Cardoso,**
presidente da
Abimaq



Daniel Almeida,
vice-presidente
da CDE da
Câmara dos
Deputados



**José Ricardo
Sasseron,**
vice-presidente
de Negócios Gov.
e Sustentabilidade
Empresarial no
Banco do Brasil



**Josué Gomes
da Silva,**
presidente
da Fiesp



Luiz Marinho,
ministro do
Trabalho



**Miguel
Torres,**
presidente
da Força
Sindical



Diego Barreto,
CEO do iFood

Mesa 2

O futuro do trabalho

Convidados:



O evento terá transmissão ao vivo e gratuita no site de **CartaCapital** e no YouTube.
Para mais informações, acesse: cartacapital.com.br/umprojetodebrasil

CartaCapital

30
ANOS

Patrocínio:

apexBrasil

MINISTÉRIO DO
DESENVOLVIMENTO,
INDÚSTRIA, COMÉRCIO
E SERVIÇOS

UR PETROBRAS



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
união e reconstrução

ABRAGAMES

CONSELHO NACIONAL
SESI
Serviço Social de Indústria
Pós-graduação em Trabalho



O sorriso de uma criança faz o futuro brilhar!

Mês das Crianças

Pés descalços, risadas soltas e um mundo de aventuras se constrói com solidariedade.

Doe para os projetos assistidos pela Fenae e Apcefs, em parceria com a Moradia e Cidadania, e ajude mais de 4 mil crianças e adolescentes espalhados pelo Brasil!

Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e conheça nossas iniciativas.



JUNTOS
A GENTE FAZ
O FUTURO BRILHAR



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL